UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

M.A.P. (*Mulheres na América Portuguesa*): mapeamento digital de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português – vertente filológica

Profa. Vanessa Martins do Monte

Projeto de Pesquisa
submetido ao Edital do Programa Unificado de Bolsas de Estudo
para Estudantes de Graduação (PUB) 2018-2019 lançado pela
Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo

São Paulo
Junho de 2018

Sumário

Resumo 3

1. Introdução 3

2. Objetivos, Finalidade e Relevância 6

3. Detalhamento 7
3.1 A história das mulheres no contexto colonial: a importância das fontes 7
3.2 O M.A.P: primeiros resultados e principais desafios enfrentados 11
3.2.1 Panorama geral do Catálogo Mulheres na América Portuguesa 11
3.2.2 Alguns desafios enfrentados na primeira fase 17
3.2.3 Resultados iniciais: *Francisca, Felipa, Isabel, Anna Maria*, e outras vozes já escutadas 22
3.3 Perspectivas para uma segunda fase de pesquisas 28

4. Materiais e Métodos 29
4.1 Plano geral de pesquisa 29
4.2 Ações e detalhamento das atividades a serem desenvolvidas pelos bolsistas 30
4.2.1 Núcleo comum 30
4.2.2 Vertente digital 31
4.2.3 Vertente filológica 31
4.3 Cronograma de execução (núcleo comum e vertente digital) 34

5. Resultados esperados e indicadores de acompanhamento 34

6. Outras informações relevantes para o processo de avaliação 35

Referências Bibliográficas 35
Anexo: Corpus (primeiro ano do projeto) 36

M.A.P. (*Mulheres na América Portuguesa*): mapeamento digital de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português

Vertente: Pesquisa

Resumo

O Projeto *M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa): mapeamento digital de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português* tem como objetivo central sistematizar e tornar visível para pesquisas futuras um conjunto de fontes documentais imensamente importantes para os estudos filológicos e para os estudos da história da língua, da história social, da história da escrita e da leitura, e da história das mulheres no Brasil, por meio da construção de um catálogo eletrônico de documentos escritos *por* mulheres e documentos escritos *sobre* mulheres (contendo sua 'fala' na forma de discurso relatado) na América Portuguesa. A metodologia seguida no Projeto trata essa documentação a partir de duas premissas: primeiro, importa-nos, centralmente, a literalidade da expressão e a literalidade do relato da expressão, sendo esta uma investigação originária do campo da filologia e da linguística histórica. Segundo, do ponto de vista digital, partimos do compromisso com as tecnologias transferíveis e o acesso aberto, sendo nosso objetivo a difusão e democratização da informação encerrada na documentação trabalhada. O Catálogo *Mulheres na América Portuguesa* pretende assim compor um mapa polifônico de vozes quase nunca escutadas, dirigido tanto aos especialistas de áreas como a filologia e a história, como a um público leitor mais amplo.

1. Introdução

"No teatro da memória,
as mulheres são sombras tênues".
Michelle Perrot, *Práticas da memória feminina*, 1989.

Em algum dia do ano de 1592, Catarina Garcia de Cabreira escreve de Arraiolos a seu marido Antonio do Vale de Vasconcelos, em Salvador, pedindo notícias e mandando saudades, pois seus olhos "*já não veem de tanto chorar*" (Cabreira, 1592); em um outro dia daquele mesmo ano, na Madeira, Inês Fernandes escreve a João Gonçalves, seu primo e pai de seu filho, pedindo ajuda para ser embarcada com o menino para junto dele no Brasil, por conta das necessidades que passam, suplicando "*que se alembre de uma órfã tão desamparada e de seu filho que passa muitos bocados de fome"* (Fernandes, 1592). Em 24 de março de 1591, uma outra mulher escrevia a seu marido, de Oeiras a Pernambuco, pedindo provimentos para o filho e contando do "*muito trabalho que tenho levado por amor de vós*" – e assina: "*Desta que não devera ser, Vicência Jorge*" (Jorge, 1591). Em São Paulo, nos idos de 1730, Maria Clara da Anunciação escreve a seu namorado: "*Sr. Antônio José, vossa mercê não me quer bem... eu quero a sua pessoa bem... peço a vossa mercê por quem é, não faça cousa*

que se diga cousa de menino" (Anunciação, 1730). Em 16 de março de 1775, Anna Maria Cardosa, de próprio punho, escreve ao alferes de Atibaia, Domingos Leme do Prado, pedindo que ele prenda seu pai e seu irmão, que abusam sexualmente dela e das irmãs, e que agora, ela revela, "…*andam me jurando a pele*" (Cardosa, 1775).

Essas palavras registradas em raros exemplares de escritos feitos por mulheres ao longo dos primeiros séculos da formação da América Portuguesa chegaram até nós por diferentes acidentes históricos: as cartas de Catarina, Inês e Vicência foram preservadas como provas em processos da Inquisição de Lisboa (pois os destinatários das três missivas foram acusados e processados como bígamos); a carta de Maria Clara, como prova no processo movido contra o namorado Antônio por quebra de promessa de casamento; a de Anna Maria Cardosa, por ter chegado a uma instância importante da organização administrativa-militar da época e pela sorte de ter sido enviada a um alferes cioso de seus papéis, que legou vasta documentação preservada até hoje. Para além da condição fortuita de terminarem inseridos nas atas do Santo Ofício ou nos maços frios da correspondência administrativa colonial, foi muito rara a preservação de documentos escritos por mulheres no reino de Portugal e na América Portuguesa ao longo do período colonial – tanto por, na maior parte dos casos, terem feito parte das esferas não letradas e de baixa condição social, quando por, mesmo quando letradas, terem sido impedidas de participar das relações de poder, e portanto, do espaço mais amplo da circulação da escrita.

Assim, os apelos, as súplicas, os protestos de amor e de vingança de Vicência, Inês, Catarina, Maria Clara e Anna Maria chegam até nós como réstias de luz que irromperam, por pequenos rasgos, o manto espesso que cobria a vida e o cotidiano das mulheres no contexto da América Portuguesa – luzes tênues lançadas sobre as sombras das mulheres "*no teatro da memória*", a lembrarmos Michelle Perrot (Perrot, 1989).

De fato, tendo em conta o que se sabe sobre as condições de vida das mulheres no contexto colonial, e sobre seu acesso ao letramento e às instâncias públicas de expressão (como mostrado, entre outros, por Priore 1990, 1994; e Algranti, 1992, 1998), a surpresa não recai sobre a escassez de registros escritos por elas na época, mas sim sobre o fato de chegarmos a nos deparar com algum testemunho deles, séculos depois. À raridade e escassez desse conjunto documental soma-se a dificuldade de sua reunião, explicada talvez pela natureza díspar que motivou o registro escrito acerca das mulheres e (mais raramente) dos documentos escritos pelos próprios punhos femininos, talvez pelo diminuto grau de interesse sobre o tema do cotidiano feminino de parte da historiografia mais tradicional. A historiografia que se debruçou sobre a história das mulheres na América Portuguesa a partir da década de 1980 bebeu em fontes primárias majoritariamente inéditas e cuja principal característica é a dispersão custodial.

O Projeto **M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa): mapeamento digital de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português** está reunindo virtualmente essa

documentação dispersa em único ponto de acesso, o Catálogo eletrônico online "*Mulheres na América Portuguesa*", possibilitando que as vozes relatadas presentes nas fontes primárias tornem-se vozes autorais, narradoras de suas próprias histórias.

O Catálogo contém informações arquivísticas e temáticas sobre cada documento encontrado e um índice onomástico das mulheres escreventes e das mulheres com discurso relatado nos documentos. A ideia de reunir documentos *de* mulheres e *sobre* mulheres forma-se por força da contingência da raridade da documentação autoral, que já comentamos; para complementá-la, buscamos e catalogamos também textos coetâneos escritos *sobre* mulheres. Mais especificamente, que incluam 'falas' de mulheres na forma de discursos relatados (tipicamente, na forma de confissões, denúncias, e outros elementos componentes de processos criminais ou instrumentos administrativos), um material que, embora não traga a voz imediata das mulheres, como no caso do primeiro grupo documental, ainda assim traz elementos importantes para a compreensão e contextualização daquele.

O Catálogo *Mulheres na América Portuguesa* pretende assim compor um mapa polifônico de vozes de mulheres que escreveram no período colonial, somadas ao registro do discurso relatado de mulheres cujo comportamento, por diferentes razões, mereceu a atenção da sociedade da época – em geral, da parte das instâncias disciplinadoras da Igreja e da administração colonial. Nesse mapa importa, centralmente, a literalidade da expressão e a literalidade do relato da expressão, sendo esta uma investigação originária do campo da filologia e da linguística histórica. Assim, colocamos a fidedignidade documental como pedra de toque do trabalho, para compor um conjunto que atenda aos interesses de diferentes linhas de pesquisa, notadamente a história do cotidiano e a história das mulheres no Brasil. Nessa construção, procuramos ter em mente a riqueza e a delicadeza da questão da condição da mulher na Idade Moderna, em particular no contexto colonial – no qual opera o violento processo da **colonização de gênero**, como iremos sugerir mais à frente, inspiradas em Federici (2017). O silêncio em torno desse processo (em particular na historiografia que antecede a década de 1980) não apenas não deve nos turvar a vista sobre suas consequências, como, de fato, faz pesar sobre nós – mulheres do século XXI com o ofício de documentar e ler o passado – a responsabilidade sobre sua exposição. O ruído precisa soar. E de fato: se a historiografia em tantos momentos se calou, os documentos, de seu lado, encerraram vozes cristalinas, ainda que enclausuradas em uma documentação opaca. Organizar essa documentação para o leitor erudito e especialista é uma tarefa importante; mais importante, porém, será tornar mais transparentes as vozes ali encerradas para a leitora leiga.

É esse nosso intuito com o presente Projeto, que irá configurar uma segunda fase de pesquisas iniciadas em 2017 e que já apresentam alguns resultados incipientes. No que segue, buscamos resumir e contextualizar esses resultados, comentar os desafios enfrentados e justificar os próximos passos eleitos para a segunda fase das pesquisas, a ser empreendida no escopo da presente Proposta.

2. Objetivos, Finalidade e Relevância

O Projeto *M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa): mapeamento digital de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português* tem como objetivo central sistematizar e tornar visível para pesquisas futuras um conjunto de fontes documentais imensamente importantes para os estudos filológicos e para os estudos da história da língua, da história social, da história da escrita e da leitura, e da história das mulheres no Brasil, por meio da construção de um catálogo eletrônico de documentos escritos por mulheres na América Portuguesa entre 1500 e 1822.

A relevância do Projeto reside fundamentalmente na possibilidade de organização inédita dessa documentação a um tempo escassa e fundamental para a compreensão da história da formação do Brasil.

Na presente formulação, o Projeto constitui a segunda fase das pesquisas, iniciadas em 2017 com o projeto '*Agora andam me jurando a pelé*': *escritos de mulheres e escritos sobre mulheres na América Portuguesa*, coordenado pelas Prof[as]. Vanessa Martins do Monte e Maria Clara Paixão de Sousa, que contou com quatro bolsistas do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo (http://www.nehilp.org/~nehilp/HD/MAP). O Projeto se integra ao *Grupo de Pesquisas Humanidades Digitais* (http://www.nehilp.org/~nehilp/HD), liderado pela Prof[a]. Maria Clara Paixão de Sousa, e abrigado no NEHiLP, *Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa* (http://www.nehilp.org), coordenado pela Prof[a]. Vanessa Martins do Monte.

Nesta segunda fase, temos como objetivos específicos fazer avançarem os resultados iniciais obtidos no primeiro ano de pesquisas - especificamente, consolidando a metodologia já concebida e implementada na versão inicial do M.A.P, expandindo o alcance do Catálogo, e aprofundando a reflexão que funda essa metodologia e essa reunião de fontes.

Na seção **3.** a seguir detalham-se as motivações, as justificativas e as bases metodológicas para este momento de expansão e aprofundamento das pesquisas. Em **3.1**, buscamos explicitar e fundamentar as motivações do trabalho em torno do grupo documental eleito no projeto, discorrendo brevemente sobre a centralidade do trabalho com fontes primárias para o campo da história das mulheres no Brasil, segundo nossa leitura da bibliografia relevante ao longo do primeiro ano de trabalhos. Em **3.2**, descrevemos os resultados iniciais da pesquisa – o Catálogo MAP propriamente dito e o retrato inicial que ele nos permite delinear sobre a documentação escrita por e sobre mulheres no espaço atlântico português. Em **3.3**, por fim, mostramos os pontos de partida para os trabalhos no segundo ano de pesquisas, fundados nos avanços e desafios encontrados na primeira fase.

3. Detalhamento

3.1 A história das mulheres no contexto colonial: a importância das fontes

A investigação científica sobre a história das mulheres na América Portuguesa ganha força na década de 1980 com trabalhos pioneiros que lidaram com fontes inéditas, como os de Leite (1982), Dias (1984), Silva (1984) e Rago (1985), por exemplo. A relação entre o ineditismo das fontes e o pioneirismo dos trabalhos demonstra a importância da recolha de documentação para investigar o modo como viviam e conviviam indígenas, portuguesas, africanas e mestiças no espaço colonizado pelo Reino de Portugal. Já em 1977, Russell-Wood (1977: 27-28) tratava da questão das fontes:

> In the absence of literary sources, diaries, chronicles, or personal correspondence, it is difficult to assess the value systems of a society. Colonial Brazil is no exception to this rule and has been categorized as male-dominated and patrilineal. New evidence suggests that in this mobile and precarious society the woman was regarded as a stabilizing factor and as the guardian of values which had originated in Europe but had undergone modification in the tropics.

O autor toma como fontes primárias centrais, neste estudo, os testamentos coloniais de testadores masculinos, que davam preferência a legar seus bens a mulheres (viúvas, filhas ou sobrinhas) do que deixá-los a homens, já que seus filhos poderiam gerar crianças bastardas com escravas, que então herdariam indiretamente seus bens. Aí residiria o caráter estabilizador da mulher branca, o que já revela que a empresa de colonização era efetivamente liderada pelos homens brancos e que as mulheres brancas serviam tão somente como corpos reprodutores de herdeiras capazes de garantir a transmissão da propriedade privada, como discutiremos mais adiante.

Segundo Priore (2004:8), os documentos primários, "*além de permitir estudar o cotidiano das mulheres e as práticas femininas nele envolvidas, [...] nos possibilitam aceder às representações que se fizeram, noutros tempos, sobre as mulheres*". Ora, para aceder a tais representações, são necessários documentos primários das mais variadas espécies, em que figuram mulheres que escreveram de próprio punho, que mandaram escrever ou, ainda, que tiveram seus nomes citados por transgredirem a ordem vigente – sendo esses últimos os mais utilizados nos trabalhos dedicados à história da mulher.

Vainfas (2004) sintetiza as imagens estereotipadas das mulheres que habitavam a América Portuguesa: as mulheres brancas do litoral viviam sujeitas aos homens que as circundavam durante o século XVI, ameaçadas pelos castigos violentos impostos pela lei patriarcal; as mulheres índias, nuas e lânguidas, eram amantes dos portugueses e desafiadoras do rigorismo dos jesuítas; as mulheres negras, sempre associadas ao poder de sedução, amantes dos senhores de engenho e de seus filhos, eram também vítimas de sinhás tirânicas. As pesquisas recentes, no entanto, descortinam "*outras facetas das mulheres que em nada corroboram os estereótipos consagrados pelo senso comum ou pela opinião letrada tradicional*" ainda frequentes (Vainfas,

2004:116). Fugindo aos estereótipos do corpo negro luxurioso e do corpo branco frio, legados por um olhar historiográfico habituado a enxergar um corpo antes da mulher, o que os documentos sobre as mulheres nos contam é uma história de tensões, assim como todas as histórias. Conforme Lacerda (2010:28), a analogia entre o feminino e a natureza não foi criada no Brasil, mas foi entre nós que "*a identificação terra-mulher ganhou contornos profundos que se imbricaram com a relação de colonização*"[1]:

> A mulher e a terra eram metáforas uma da outra não só no sentido da exploração sensorial e sexual, mas também como meios de produção e de reprodução, como propriedades, tendo as mulheres sua sexualidade abusada ou controlada conforme os imperativos da colonização. Isso foi válido não apenas em relação às índias, mas também em relação às negras, às mestiças e às brancas. O controle, os estímulos e os influxos das e às mulheres foram relacionados ao seu papel de reprodutora de braços e de transmissora de valores em função do interesse de colonização. Em função desse papel a mulher foi desgastada e devastada. Ambas, a terra e a mulher, devastadas e controladas, em função não apenas da simbologia de ligação com a natureza, mas em função do papel que desempenham na produção (Lacerda, 2010:33).

A metáfora do território virgem a ser devassado continuou presente, inclusive, na historiografia do século XX, que utilizou amplamente os termos "*virgem*" e "*devassar*" para descrever o processo de conquista: explorar um território *virgem* e *devassar* a terra. A condição das mulheres que habitavam a então colônia portuguesa é uma condição atravessada necessariamente pelo contexto da colonização, que determina a condição das colonizadas mais claramente identificáveis (as indígenas e as africanas) e das "colonizadoras", as mulheres portuguesas e brancas. A essas cabia uma função importantíssima para a empreitada colonizadora, que era a de parir homens brancos, essenciais à continuação do processo de conquista e à manutenção da propriedade privada. Como apontamos brevemente mais acima, o papel central das mulheres brancas no empreendimento colonizador era produzir os herdeiros dos homens brancos.

O disciplinamento dos corpos era etapa fundamental para a execução dessa função procriadora das mulheres brancas. Na colônia, Igreja, Estado e Medicina trabalharam em conjunto para dar conta desse disciplinamento. Logo no primeiro século de colonização, as mulheres surgem na documentação da Inquisição, por cometerem crimes variados, dentre eles o de sodomia feminina, como foi o caso de vinte e nove mulheres acusadas pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça, entre 1591 e 1595 (Vainfas, 2004). A associação da mulher com o demônio, difundida largamente pelo Cristianismo, separava o corpo procriador branco do corpo luxurioso negro, insistentemente violentado, gerando braços para o trabalho escravo. Aliás, a propriedade privada atravessava tanto os corpos brancos, que garantiriam a manutenção da terra e dos bens, quanto os corpos negros, vistos como propriedade privada de seus senhores, prontos a gerarem novos trabalhadores. Sobre isso, destaca-se o trecho seguinte de Nabuco (2000:101, grifo nosso):

[1] Não é demais reforçar, como lembra Lacerda (2010), a obra *América*, de Jan Van der Straet (Johannes Stradanus), em que Américo Vespúcio, representado pelos símbolos da "civilização", como os trajes, a armadura e a bússola, descobre a América, simbolizada por uma mulher indígena nua. Sobre as interpretações da obra, consultar Stam e Shohat (2006) e Almeida (2007).

> Não é do cruzamento que se trata; mas sim da reprodução do cativeiro, em que o interesse verdadeiro da mãe era que o filho não vingasse. Calcule-se o que a exploração dessa bárbara indústria — expressa em 1871 nas seguintes palavras dos fazendeiros do Piraí "**a parte mais produtiva a propriedade escrava é o ventre gerador**" — deva ter sido durante três séculos sobre milhões de mulheres. Tome-se a família branca, como ser moral, em três gerações, e veja-se qual foi o rendimento para essa família de uma só escrava comprada pelo seu fundador.

Figueiredo (2004, p. 169-170) descreve detalhadamente o papel e o interesse do Estado no projeto de disciplinamento:

> A preocupação com o "crescimento de gente" que as autoridades manifestavam não se referia à população em geral. Ao contrário, o endereço certo das medidas para limitar o retorno das valiosas mulheres brancas era a elite social ("gente"), pois o desequilíbrio entre o número de mulheres brancas e os homens de mesma condição tendia a empurrá-los para relações (legítimas ou não) com mulheres negras ou mulatas. Sob a ótica metropolitana, ao (a)tingir a elite colonial, a miscigenação poderia acabar comprometendo a continuidade da comunhão de interesses na relação colônia-metrópole. […] Decorreram daí todos os esforços para que, através de certos casamentos, a ordem colonial pudesse ter sua continuidade garantida; esse fato fazia tão necessárias as "mulheres que hajam de casar", ou seja, as mulheres brancas. […] O caminho era claro: a expressão do poder metropolitano no governo local deveria estar representada por homens brancos. O casamento com mulheres brancas no seio de comunidades com fortes valores de preconceito racial funcionava como um estímulo para a continuidade da pureza desses grupos. O padrão da identidade com o poder metropolitano seria então preservado por gerações.

A pesquisa com base em documentação ampla, como aquela realizada por Figueiredo (2004), que levantou vastíssima documentação primária, sobretudo no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, permite entrever uma realidade ainda pouco discutida na historiografia tradicional.[2] Na capitania de Minas Gerais, no século XVIII, havia mulheres ocupadas com variadas atividades, como panificação, tecelagem, alfaiataria, costura etc. As câmaras municipais aplicavam provas práticas e concediam às mulheres *cartas de exame*, que as autorizava a exercer a função de parteira. Encontram-se também altos índices de mulheres roceiras no início do século XIX em Vila Rica: 51 mulheres para 27 homens. De acordo com Figueiredo (2004: 144, grifo nosso), "*basta olhar nas entrelinhas um pouco misteriosas e um tanto fugidias da* ***memória dissimulada na documentação oficial****, para que se encontrem as outras dimensões da atuação das mulheres*". Segundo o historiador, uma função muito frequente e fundamental para o contexto sócio-econômico mineiro eram as quitandeiras, mais conhecidas como *negras de tabuleiro*. A administração das vendas era uma das ocupações mais importantes das mulheres pobres, que controlavam 70% dos estabelecimentos de Vila Rica e suas freguesias em 1773.

A Medicina, por sua vez, sobretudo aquela desenvolvida em Portugal, ainda recorria aos gregos para explicar a natureza do corpo feminino, ignorando estudos como a revolução ovarista de De Graaf nas primeiras décadas do século XVII. Assim, como aponta Priore (2004:100),

---

[2] Segundo Algranti (1999: 159-160), "*não é possível escrever a história da mulher colonial apenas sob o ponto de vista das que resistiram aos mecanismos da dominação social da época*", como, por exemplo, tomando como base exclusivamente processos-crime ou processos inquisitoriais. A autora aponta ainda que foram privilegiadas as pesquisas sobre a mulher dos séculos XIX e XX, tendo a mulher do Brasil colônia recebido menos atenção.

> havia, na intenção da medicina, o desejo de curar, mas de curar para que as mulheres estivessem prontas para procriar, para que suas madres [*úteros*] estivessem ativas e os homens pudessem continuar, assim, traçando uma representação idealizada e pacificadora do corpo feminino.

Entretanto, profundas conhecedoras de seus corpos, as mulheres negras, indígenas e brancas dominavam a arte de parir, como mostra Priore (1990) em estudo inaugural sobre a relação das mulheres da América Portuguesa com seus corpos, analisando sexualidade, procriação e maternidade, com recurso cuidadoso a fontes documentais inéditas.

Ao contrário dos tradicionais e estereotipados papéis submissos e passivos, a pesquisa a partir de fontes primárias diversas revela que "*as mulheres enfrentaram normas dominantes, preconceitos, perseguições, seja da Igreja, seja do Estado ou da administração colonial, para forjar um caminho de participação social e econômica possível.*" (Figueiredo, 2004, p. 185). Considerando a raridade das mulheres que escreveram, a perspectiva da historiografia tradicional que, além de criar e perpetuar os estereótipos femininos, permaneceu utilizando metáforas coloniais ao aproximar os territórios da *mulher* e da *terra a ser conquistada*, e, ainda, o papel da mulher como procriadora, tem-se que tanto a documentação primária quanto a narrativa historiográfica feita a partir dela se tornam condicionadas.

Na historiografia que buscou as fontes primárias depois da década de 80, há porém uma limitação determinada pelas próprias fontes primárias. Por exemplo, a grande parte da documentação vem de processos inquisitoriais. Assim, hoje vemos a mulher pelo olhar daqueles que conduziram o processo disciplinador de seus corpos e corremos o risco de criar imagens polarizadas, como a da mulher rebelde e indisciplinada *versus* a da santa e recatada (ou *estabilizadora*, nas palavras de Russell-Wood, 1977). Tal contingência é quase incontornável — a exceção fica por conta de estudos que sigam o que indica Figueiredo (2004:144), ou seja, procurar agudamente a "*memória dissimulada na documentação oficial*".

A percepção deste problema das fontes primárias é importante porque aponta dois passos importantes na construção de um catálogo eletrônico com essa temática. O primeiro é o passo da recolha da documentação, que, para dar à luz a narrativa das próprias mulheres, precisa obrigatoriamente se dedicar a uma seleção o mais ampla possível de tipologias documentais, não podendo se circunscrever a certos códices vastos de citação de mulheres, como aqueles produzidos pelo Santo Ofício, apenas por apresentarem alto volume de dados. O segundo passo é que o resultado final dessa recolha não pode ser visto como representativo da realidade colonial. Ou seja, não se trata de dados transparentes com a pretensão de descrever objetivamente o período de formação da sociedade brasileira, mas sim registros de um projeto colonizador cujo sucesso dependia do disciplinamento da mulher e, por consequência, da colonização de seus corpos.

Nessa perspectiva, o fato de haver tantos processos inquisitoriais contra mulheres não significa que elas eram mais ou menos *desordeiras*; significa tão somente que as vidas ordinárias das mulheres não mereceram

registro na sociedade da época, o que mereceu registro foi o desvio das normas disciplinadoras estabelecidas. Cabe lembrar que esta é a contingência da história do cotidiano e da história das populações dominadas em geral. Nesse sentido, fazer a história das mulheres é trabalhar na chave do "olhar dos vencidos", é fazer a história do colonizado — não um povo colonizado, e sim um gênero colonizado. Para Federici (2017),

> na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Neste sentido, é bem merecida a importância que adquiriu o corpo, em todos os seus aspectos — maternidade, parto, sexualidade —, tanto dentro da teoria feminista quanto na história das mulheres.

Dessa forma, levantar fontes primárias que permitam contribuir com a história das mulheres na América Portuguesa é necessariamente lidar com documentos que tratam de mulheres colonizadas, que estiveram submetidas ao mesmo projeto colonizador do território, em que o disciplinamento dos corpos era condição essencial para seu sucesso. Nessa perspectiva, a misoginia europeia levou, por exemplo, ao fenômeno da caça às bruxas, que também se fez presente no Brasil, porém com contornos e objetivos distintos daqueles que se viam no Velho Mundo. O levantamento e a localização geográfica dos escritos sobre as mulheres permitirão, por exemplo, desvelar as características dos processos que incriminaram mulheres da colônia comparativamente àqueles que condenaram mulheres portuguesas que habitavam em sua terra natal. De uma forma geral, como pretendemos ter sugerido pelos comentários acerca da bibliografia, no campo dos estudos sobre as mulheres a documentação primária determina fortemente a narrativa historiográfica, permitindo a mudança no olhar que enxergou um silêncio, depois uma vítima, depois uma heroína, para chegar, finalmente, a uma sujeita histórica.

É neste contexto que vislumbramos a relevância da presente pesquisa, cujo objetivo central, como já apontamos mais acima, é reunir e organizar a documentação primária que fundou as investigações pioneiras sobre a história da mulher no Brasil e descobrir e reunir outros documentos, ainda inéditos, que possam fomentar investigações futuras.

3.2 O M.A.P: primeiros resultados e principais desafios enfrentados

3.2.1 Panorama geral do Catálogo Mulheres na América Portuguesa

O M.A.P., no momento, inclui **45** documentos produzidos entre 1556 e 1805, relativos a **38** mulheres (duas mulheres remetem a dois documentos cada uma, e uma produziu três documentos) [3]. As entradas do Catálogo se organizam segundo os diferentes perfis de autoria e nomeação das mulheres, formando

[3] Além desses 45, temos ainda 20 documentos primários já localizados, mas inacessíveis, dos quais por enquanto temos apenas as informações catalográficas produzidas nos repositórios. Ao longo do presente texto, comentaremos apenas os dados relativos aos 45 documentos inteiramente sistematizados.

dois grupos básicos. O grupo mais importante, e até o momento mais escasso, é o das mulheres autoras de documentos primários (10 casos); o segundo grupo é o das mulheres nomeadas em documentos primários que contenham seu discurso relatado por terceiros, tais como processos, confissões ou autos de devassa (até o momento, 30 casos). Cada entrada inclui informações biográficas sobre a mulher e sobre o documento por ela produzido ou que a nomeia, tais como suas circunstâncias de produção e eventuais referências na bibliografia contemporânea, entre outras informações que se detalham mais à frente. Quando disponíveis, incluem-se também informações sobre reproduções digitais dos documentos primários e eventuais transcrições filológicas.

A ideia geral por trás das formas de organização e visualização de dados concebida para o Catálogo foi formar um panorama que sirva tanto como base para pesquisas acadêmicas como, de fato, um mapa de fácil consulta e visualização por um público mais amplo. Nosso desejo, nesse sentido, é fazer falarem essas vozes que permaneceram silenciadas por dois, três, quatro séculos.

O MAP está disponível para consulta aberta e irrestrita, desde janeiro de 2018, a partir da página de entrada em http://www.nehilp.org/~nehilp/HD/MAP/MAP_Recursos.html. No momento, quatro formas de visualização do catálogo estão em funcionamento: dados georreferenciados, tabela de dados, fichas individuais e lista simples. A seguir, a Figura **1** mostra a visualização do MAP na forma de **dados georreferenciados**; nesta visualização, cada ponto no mapa corresponde a uma das entradas do Catálogo, georreferenciada conforme o local onde o documento foi produzido (até o momento, 23 no Brasil, 6 em Portugal, e 1 na Madeira). No caso das cartas, mostram-se também as trajetórias das correspondências (entre Portugal e as terras brasileiras e entre diferentes cidades ou vilas do Brasil), evidenciando assim os laços entre os diferentes pontos do que estamos chamando, aqui, de "espaço atlântico português". Cada ponto, ao ser expandido, revela as informações detalhadas sobre cada entrada, como mostra a Figura **2**. A Figura **3** mais adiante ilustra a visualização em **fichas individuais**, com todos os detalhes catalogados em cada entrada, incluindo-se ligações para documentos primários digitalizados e transcrições filológicas, quando disponíveis. Por fim, a Figura **4** mostra o catálogo sob a forma de uma **tabela** resumindo os dados biográficos e catalográficos principais sobre cada entrada. É ainda possível acessar o Catálogo na forma de uma **lista simples** com todos os documentos catalogados na forma de referências bibliográficas comuns.

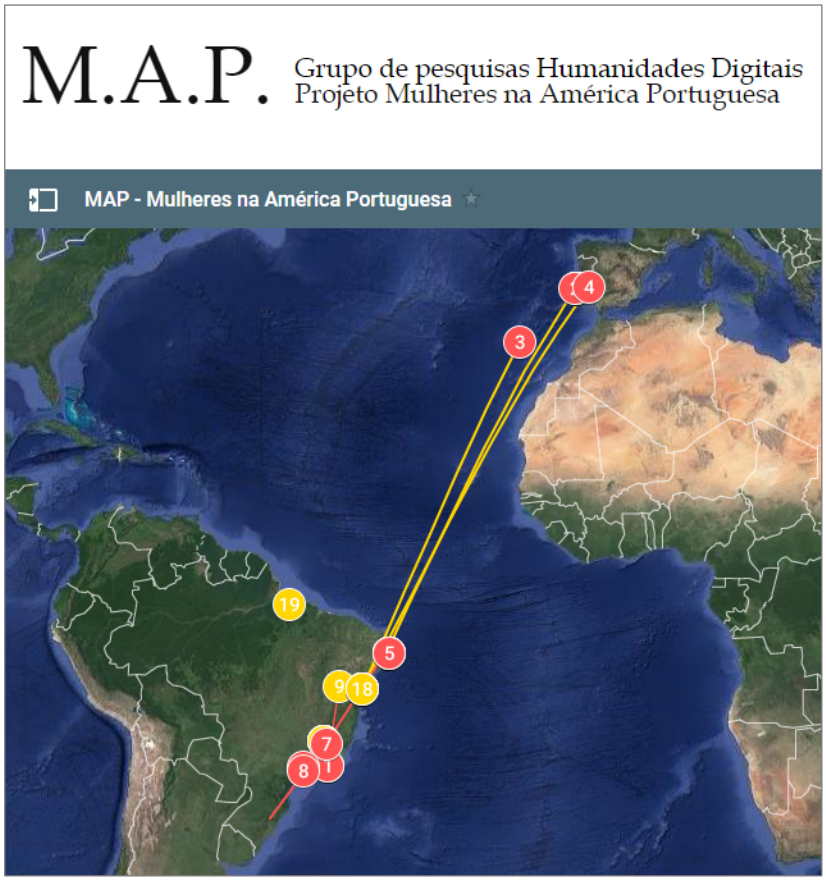


Figura **1**: Visualização do M.A.P, com inserção georreferenciada no *Google Maps*

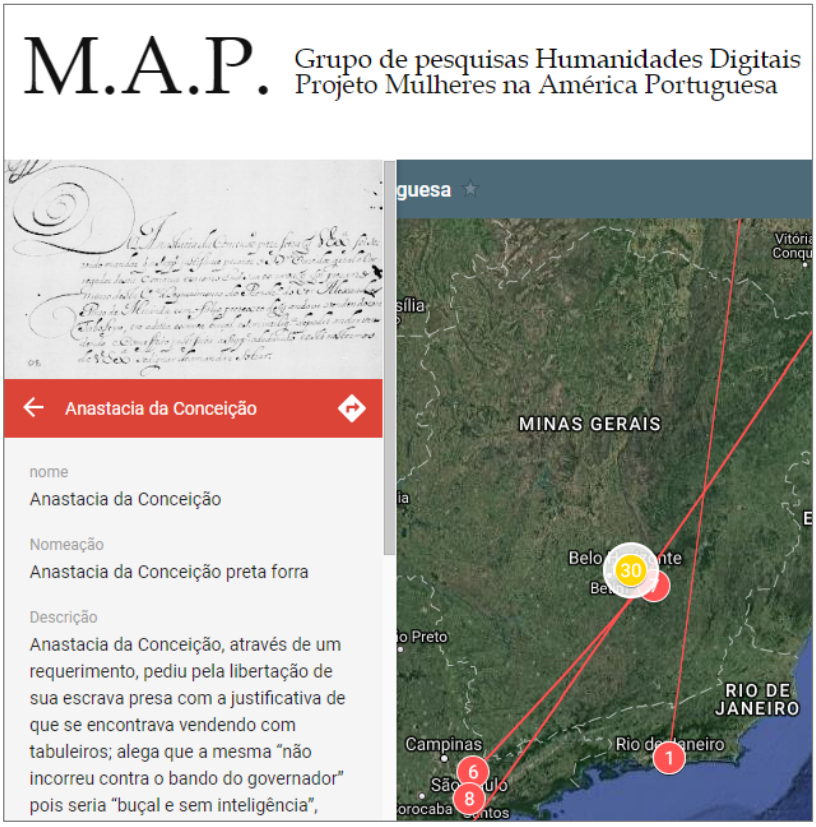
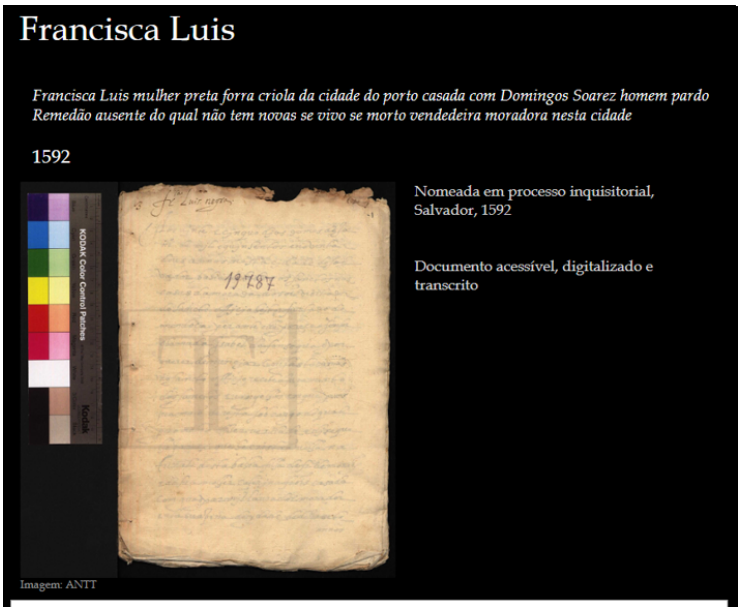


Figura **2**: Visualização do M.A.P, detalhe: Anastacia da Conceição, ponto 30.



Francisca Luis

Francisca Luis mulher preta forra criola da cidade do porto casada com Domingos Soarez homem pardo Remedão ausente do qual não tem novas se vivo se morto vendedeira moradora nesta cidade

1592

Nomeada em processo inquisitorial, Salvador, 1592

Documento acessível, digitalizado e transcrito

Imagem: ANTT

Documentos primários conhecidos

Tribunal do Santo Ofício (TSO) . Processo inquisitorial . Salvador , 1592 . ANTT - TSO-IL, 13787 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4510000 . [NN|001|FL] .

Transcrição parcial do documento primário

[fl. 3r] Aos quato(r)ze djas do mes de dezembro / de mjl equinhentos e nouenta e dous / annos nesta cjdade do ſaluador / Capitanja da bahia de todos os s[anc]tos / nas casas da morada dos[enh]or ujsi[tador] / dos[anc]to offj[cj]o hejtor furtado de mendoça / perante elle pareçeo ſendo chama / da *fr[ancis]ca luis* molher preta forra Crj / ola da Cjdade do porto casada / com domjngos ſoarez homẽ pardo / Remeda(õ) auſente do qual naõ tẽ / novas ſe he ujuo ſe morto vendedejra / moradora nesta cjdade, e logo foj / amoestada com mujta charjdade / pellos[enh]or ujsitador que ella declare / e comfeſse nesta mesa todas ſuas / culpas de todaſua ujda pertencẽ / tes a(e)lla e que falle a uerdade porq[ue] / iſso lhe aprouejtara mujto perades / [fl. 3v] cargo deſua concjencja epera ſeu bõ / despacho, respondeo, que ella estando / nacjdade do porto auera qujnze annos / morou d(a)s port(a)s adentro algũs / dous meses com marja alurez tece / dejramolher que en casa naõ tinha / marjdo, edespois ſe foj pera outr(a)s / partes e se ueo aesta bahia na qual es / tando auera treze annos ouujo djzer / a]sabel Ant[oni]a que despois de ella Ree / vinda ſe deziã n(o) porto que ella Ree / que peccara com aditta teçedejra no / peccado contra natura (,) porem que ella / Ree nesta mesa declara que nunca / tal peccado cometeo com aditta / teçedejra, et comfeſsou que auera / treze annos pouco mais (o)umenos / teue nesta cjdade amjzade com a / djctta Jsabel Ant[oni]a Molher q[ue] naõ tem / marjdo moradora nesta cjdade / [fl. 4r] que djzem que ueo doporto degradada / por usar o peccado nefando con outr(a)s / molheres epor ella ſer ſua natural / ella Ree agasalhou nesta cjdade em / ſua casa hum mes pouco mais ou / menos no qual tempo peccou com / ella o djtto peccado nefando alguãs / tres uezes, em djfferentes djas p(o)ndo {.} / se huã em cjma da outra e ajuntan / do ſeus corpos e uaſos e isto ſemauer / mediante outro nenhum Instromento / exterjor penetrante et ella Ree deſsi / naõ ſe lembra ſe (t)eue comprjmẽto / natural que as molheres costumaõ / nem ſabe ſe o teue adjcta compliçe porẽ / Ja por este caſo ellas ambas foraõ pre / ſas nesta cjdade pello Juizo ecclesi / astico, e ella Ree ſahio condenada que / ſe ſahiſe fora daquj mas despois a dej / xaraõ ficar, aquj e que isto s(o)o he o que / lhe lembra

(Transcrito por: MAP | MCPS)

Menção em documentos secundários

Priore 2004:130 :

Mas o caso de Paula e Felipa não é o mais rumoroso de que temos notícia com base nos papéis da Inquisição, e sim a conturbada história de "Francisca Luiz" e Isabel Antônia. Solteira, Isabel já chegara à Bahia, em 1579, pela via do degredo, desterrada, ao que diziam, por pecar com outras mulheres. Infamada no Porto, de onde era natural, também na Bahia de Todos os Santos não tinha boa fama, a julgar por sua extraordinária alcunha: Isabel, "a do veludo". E não se vá pensar que Isabel era assim chamada por trajar-se de veludo ou por vender roupas deste tecido; acontecia simplesmente que todos sabiam que ela usava um instrumento aveludado em suas relações sexuais. Isabel comprova que as discussões que costumavam ter os inquisidores e doutores da Igreja acerca do uso sacrílego de instrumentos não era mero devaneio de teólogos. / Francisca Luiz, sua parceira, era negra forra que também viera do Porto, abandonada pelo marido, e abrigaria Isabel por algum tempo. Eram amigas no Porto, quando não já amantes, e continuariam a sê-lo na Bahia. O romance parece ter sido muito difícil. Tornou-se motivo de escândalo público, sobretudo depois que Isabel, "a do veludo", resolveu sair com um homem. Quando ela voltava de um de seus encontros, Francisca Luiz a interpelou na porta da casa onde moravam e começou a gritar: "Velhaca! Quantos beijos dás a seu coxo e abraços não me dás um!? Não sabes que quero mais um cono [vagina] do que quantos caralhos aqui há?!". Descontrolada, Francisca passou dos insultos às vias de fato, pegando Isabel pelos cabelos e arrastando-a porta adentro com pancadas e bofetões, tudo à vista dos vizinhos.

Dados biográficos conhecidos

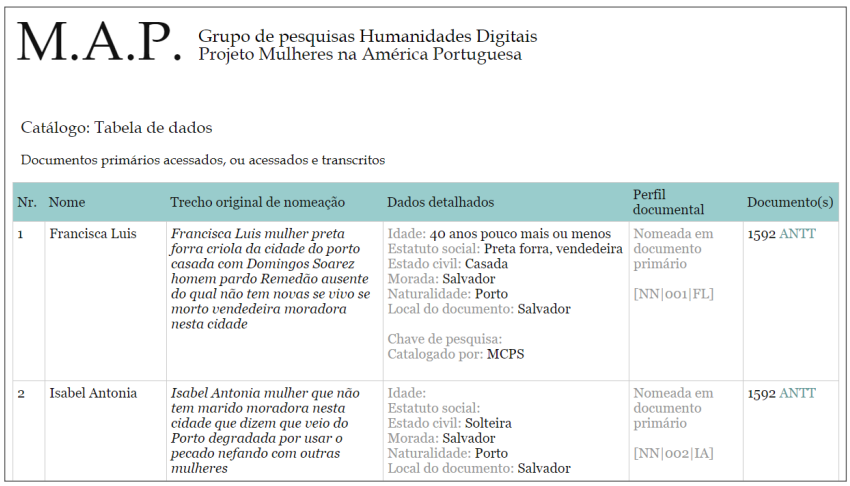
Idade: 40 anos pouco mais ou menos
Estatuto social: Preta forra, vendedeira
Estado civil: Casada
Morada: Salvador
Naturalidade: Porto

Dados internos

Francisca Luis,
Nomeada em documento primário
[NN|001|FL]

Rede documental: O processo envolve Isabel Antónia (parte) e Isabel da Fonseca (denunciante)
Chave de pesquisa: Pesquisado sem palavra-chave
Catalogado por: MCPS

Figura **3**: visualização em Fichas Individuais Completas (ficha de Francisca Luis)



M.A.P. Grupo de pesquisas Humanidades Digitais
Projeto Mulheres na América Portuguesa

Catálogo: Tabela de dados

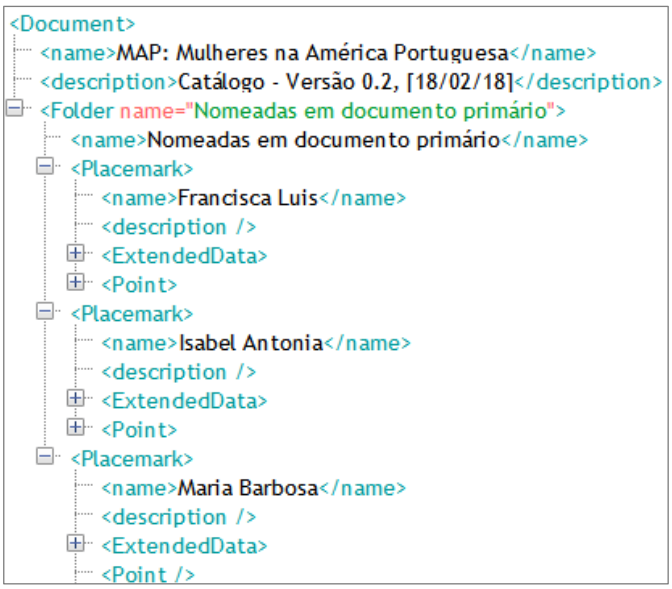
Documentos primários acessados, ou acessados e transcritos

Nr.	Nome	Trecho original de nomeação	Dados detalhados	Perfil documental	Documento(s)
1	Francisca Luis	*Francisca Luis mulher preta forra criola da cidade do porto casada com Domingos Soarez homem pardo Remedão ausente do qual não tem novas se vivo se morto vendedeira moradora nesta cidade*	Idade: 40 anos pouco mais ou menos Estatuto social: Preta forra, vendedeira Estado civil: Casada Morada: Salvador Naturalidade: Porto Local do documento: Salvador Chave de pesquisa: Catalogado por: MCPS	Nomeada em documento primário [NN|001|FL]	1592 ANTT
2	Isabel Antonia	*Isabel Antonia mulher que não tem marido moradora nesta cidade que dizem que veio do Porto degradada por usar o pecado nefando com outras mulheres*	Idade: Estatuto social: Estado civil: Solteira Morada: Salvador Naturalidade: Porto Local do documento: Salvador	Nomeada em documento primário [NN|002|IA]	1592 ANTT

Figura **4**: Visualização como Tabela de Dados

As diferentes formas de visualização do Catálogo – seja como mapa, fichas, tabelas de dados ou lista simples – são possibilitadas por um código-base implementado em linguagem XML (W3C, 2016). Assim, todas as visualizações remetem a um único arquivo XML, que constuti a base para o sistema de buscas construído em linguagem X-Query (W3C, 2006) e XSLT (W3C, 2017), que permite pesquisar (com X-Query) e reordenar (com XSLT) o documento XML, manipulando-se quaisquer das categorias preparadas, em buscas locais ou remotas por servidor. No momento, o funcionamento do Catálogo é estático; num futuro próximo, no escopo da presente Proposta, iremos implementar buscas e transformações em tempo real, a partir do servidor do NEHiLP (cf. Seção 3.3).

Na anotação XML básica do Catálogo, ilustrada na Figura **5**, cada entrada é um elemento "*Placemark*", que inclui os elementos básicos nome ("*name*") e descrição ("*description*"), uma categoria extensível para registro de informações ("*ExtendedData*"), e um marcador de georreferenciamento ("*Point*").



```
<Document>
  <name>MAP: Mulheres na América Portuguesa</name>
  <description>Catálogo - Versão 0.2, [18/02/18]</description>
  <Folder name="Nomeadas em documento primário">
    <name>Nomeadas em documento primário</name>
    <Placemark>
      <name>Francisca Luis</name>
      <description />
      <ExtendedData>
      <Point>
    <Placemark>
      <name>Isabel Antonia</name>
      <description />
      <ExtendedData>
      <Point>
    <Placemark>
      <name>Maria Barbosa</name>
      <description />
      <ExtendedData>
      <Point />
```

Figura **5**: Aspecto geral da marcação XML para cada entrada do MAP

Note-se, entre os elementos de cada "*Placemark*", que o marcador "*Point*" remete à opção de inserir o Catálogo na plataforma *Google Maps* para sua visualização em forma de mapa, passando pela inserção no aplicativo *Google My Maps*, que permite uma relativa customização de formas de visualização de dados georreferenciados (sendo aqui o dado-base do georreferenciamento o local aproximado onde cada documento foi escrito)[4]. Já o marcador "*ExtendedData*" é, de fato, onde estão contidas as categorias mais importantes do Catálogo, ilustradas na Figura **6**.

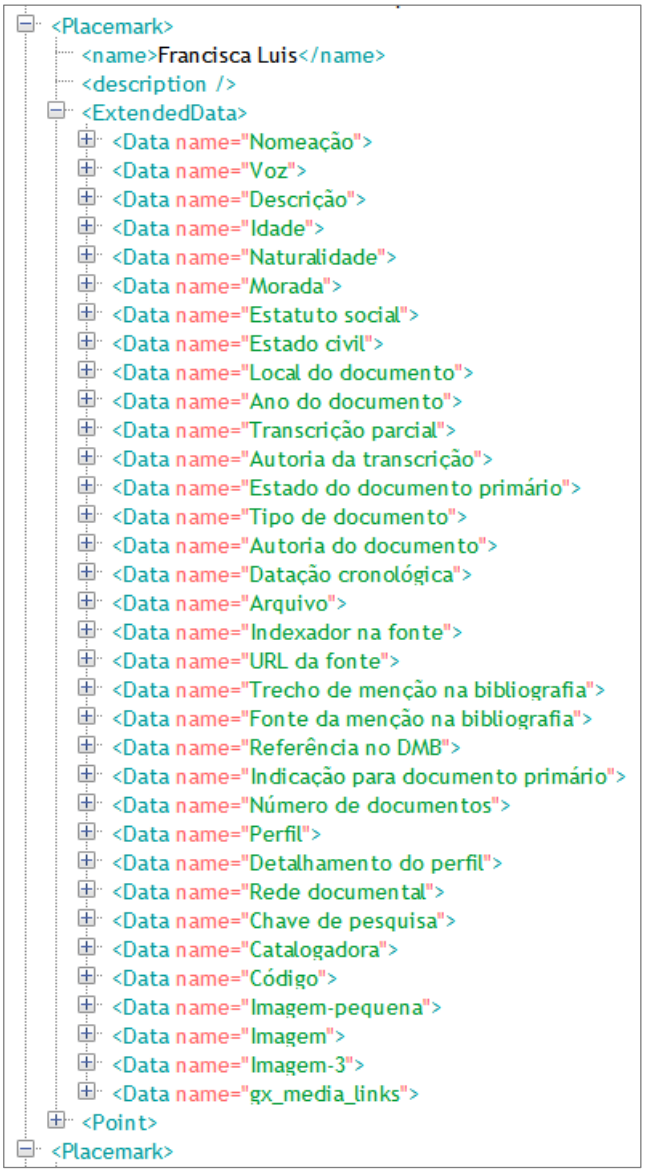


Figura **6**: Aspecto mais detalhado da marcação XML para cada entrada do MAP

[4] Evidentemente, ao fazer uso de uma ferramenta proprietária (como é o caso do *Google Maps*) em um projeto acadêmico, é fundamental que se assegure a integridade computacional das informações amealhadas no trabalho. Tendo em conta essa contingência, nossa metodologia inclui a ferramenta *Google* apenas como etapa final: os dados são efetivamente trabalhados e armazenados em um arquivo XML, que é então exportado para o *Google Maps* (no formato KML), onde se ajustam por fim apenas detalhes superficiais de formatação. No futuro, o catálogo será migrado para uma plataforma de georeferrenciamento que permita maior detalhamento e liberdade na manipulação dos dados visualizáveis. Por ora, a ferramenta *Google* já fornece uma visualização interessante e tem a vantagem de poder ser consultada de modo amplo por qualquer pessoa com acesso à internet, sem necessidade de aquisição de programas específicos.

Os indicadores anotados como atributos aos elementos *Data* representam as 30 categorias catalográficas concebidas no projeto para organizar o conjunto documental, listando as informações que nos pareceram necessárias para a manipulação em buscas e para uma boa apresentação dos fatos sobre cada nome catalogado. Entre as categorias, figuram de um lado informações básicas, como dados biográficos das autoras dos documentos (*Idade, Naturalidade, Morada, Estatuto social, Estado civil*), dados sobre a produção de cada documento e sua tipologia (*Local do documento, Data do documento, Tipo do documento*) e condições arquivísticas do material (*Arquivo, Indexador na fonte*), e de outro, informações mais específicas ligadas às motivações e finalidades particulares do Catálogo, tais como a condição de autoria dos documentos, seu grau de ineditismo, a relação eventualmente apresentada com outros documentos encontrados, e a forma pela qual cada um foi encontrado (como *Perfil, Fonte/Trecho de menção na bibliografia, Transcrição, Rede documental, Chave de pesquisa*) e, principalmente, duas categorias que estamos tomando como centrais para o objetivo de fazer emergir, da documentação, a voz de suas autoras ou das mulheres cujo discurso se encontra ali relatado (*Voz* e *Nomeação*).

A concepção e a organização dessas categorias de catalogação configuraram a principal tarefa na construção do Catálogo em sua primeira fase. Essa concepção esteve orientada pelo objetivo amplo do Catálogo e foi limitada, em alguns pontos, pelos desafios arquivísticos e filológicos apresentados pelo conjunto documental trabalhado, alguns dos quais comentamos brevemente a seguir.

3.2.2 Alguns desafios enfrentados na primeira fase

Ao longo da primeira fase da pesquisa, podemos dizer que os principais desafios enfrentados remetem ao problema da raridade da documentação que nos interessa, somadas ao silenciamento da figura da mulher, que tornaram o trabalho de pesquisa em arquivos bastante complexo, por dois motivos: não só pela escassez da documentação em si, mas também pelo fato de praticamente não existirem fundos ou coleções já organizados onde se tenha maior chance de encontrar escritos de mulheres ou sobre mulheres com base nas metodologias de organização dos próprios arquivos[5]. Quanto ao problema da raridade dos documentos, as pesquisas, até o momento, confirmaram as suspeitas de nossas prospecções preliminares: os resultados de nossas buscas foram bastante limitados em termos quantitativos – e essa escassez

[5] De modo mais específico, na primeira etapa do Projeto os documentos foram pesquisados nos acervos *online* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Fundo Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa) selecionando-se 25 documentos; do Arquivo Público Mineiro (Fundo Secretaria de Governo da Capitania, Seção Colonial), selecionando-se 6 documentos; do Corpus do Projeto Post Scriptum (CLUL, 2014), 10 documentos; do Portal da Inconfidência do Governo do Estado de Minas Gerais, um documento – os Autos de Devassa da Inconfiência. Por ora, apenas dois documentos foram prospectados em um acervo fisico, tal seja o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Coleção Morgado de Mateus, Documentos Avulsos), conforme Monte (2015). A etapa seguinte da pesquisa, como comentaremos adiante, incluirá a prospecção no Arquivo do Estado de São Paulo e o acervo da Cúria Metropolitana.

documental, conforme sugerimos acima, é uma função das condições históricas da escrita das mulheres na Idade Moderna e no ambiente colonial.[6]

Já no que concerne o problema da ausência de informação sobre o gênero dos autores no contexto da organização dos próprios arquivos, de fato encontramos apenas um repositório digital que permite a consulta de documentos com o filtro de gênero – trata-se do *corpus* do projeto *Post Scriptum*, da Universidade de Lisboa (CLUL, 2014). Graças ao *corpus*, arrolamos dez documentos importantes: cartas pessoais escritas por seis mulheres – Catarina Garcia de Cabreira (Cabreira, 1592), Inês Fernandes (Fernandes, 1592), Vicência Jorge (Jorge, 1591 e Jorge, 1594), Domingas da Rosa de Morais (Morais, 1689), Maria Clara da Anunciação (Anunciação, 1730a, b, c) e Isabel Gomes da Veiga (Veiga, 1730 e Veiga, 1733) – preservadas junto aos arquivos da Inquisição de Lisboa e da Cúria Metropolitana de São Paulo, e editadas no âmbito daquele Projeto. Duas particularidades do *Post Scriptum* podem explicar o fato de ser este o repositório mais rico em documentos escritos por mulheres até este momento da nossa pesquisa: primeiro, o cuidado e grau de detalhamento de seu sistema de buscas (o único, como mencionamos, que permite o filtro por gênero do autor); segundo, o próprio objetivo do projeto, que, ao pretender estudar a história da língua com base na escrita de sujeitos com diversos graus de letramento, organizou documentos com a característica marcante da diversidade de condições sociais de seus autores. Como detalham os editores do *corpus*,

> Estes documentos são escritos epistolares quase todos eles inéditos, feitos por autores de diferentes proveniências sociais. Podiam ser amos ou criados, adultos ou crianças, **homens ou mulheres**, ladrões, soldados, artesãos, padres, militantes políticos e outros tipos de agentes sociais. Em grande parte, **a sua epistolografia sobreviveu por razões excecionais, quando os seus percursos se cruzaram com os meios de perseguição da Inquisição e dos tribunais civis, eclesiásticos e militares,** instituições que costumavam fazer uso da correspondência privada como prova de delitos. Em outros casos, já mais raros, as cartas foram preservadas em contexto não criminal, mas foram também trocadas numa interação de bastidores e são enquadráveis em termos situacionais. Estas fontes textuais apresentam frequentemente uma retórica (quase) oral, tematizando assuntos do quotidiano que até hoje não tem sido fácil estudar senão a partir de pequenos exemplos (CLUL, 2014; grifos nossos).

À exceção dos textos do projeto *Post Scriptum*, o processo de pesquisa foi consideravelmente mais longo e delicado, seguindo dois caminhos principais, ambos fundados no exame da bibliografia contemporânea sobre a história das mulheres na América Portuguesa. De um lado, buscamos incluir no MAP documentos primários citados por historiadores em artigos e livros diversos. Com esse método encontramos, até o momento, quatro entradas: os casos de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo e Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, citadas por Reis (1989:92) como participantes da Inconfidência mineira e condenadas em seus autos de devassa (OVR, 1789); e de Paula de Siqueira e Felipa de Sousa,

[6] Para ilustrar a questão, tome-se o caso da Gaveta I30, 21 da Coleção Morgado de Mateus, custodiada pela Fundação Biblioteca Nacional (RJ). Dos 181 documentos ali conservados, em sua maioria correspondência, há somente dois documentos escritos por mulheres, o que equivale a 1%. Nesse processo, a fortuidade dos escritos que buscamos implica uma leitura atenta tanto de índices e catálogos disponíveis nos arquivos físicos que não contam com a facilidade da busca eletrônica quanto da própria documentação contida em códices, caixas ou latas. Muitas vezes é no meio do maço de documentação avulsa que encontramos aquele registro que nos interessa.

denunciadas em um processo inquisitorial bastante referido na bibliografia (TSO, 1591), em particular por Vainfas (2004:130). Importa dizer, nesse sentido, que as citações dos documentos na bibliografia estão registradas no Catálogo como uma das categorias de informação, contemplando-se, assim, a fortuna crítica de cada caso listado.

De outro lado – em um trabalho mais minucioso, lento e interessante – buscamos levantar, novamente com base na leitura da bibliografia relevante, elementos que estruturassem as chaves de pesquisa que utilizamos nos sistemas de busca de acervos dos arquivos físicos e digitais. Nesse processo, levantamos alguns termos que passamos a utilizar como chaves de busca nos catálogos digitais – alguns exemplos produtivos seriam **cristã-nova**, **cristã-velha**, **preta forra**, **escrava**, **sodomia**, **bigamia**, **traição**, **heresia**, **tabuleiro** e o conjunto **terras mulheres**. No total dos 65 documentos pesquisados até o momento (aqui, incluindo-se aqueles 20 documentos ainda não inteiramente sistematizados, mas já encontrados nas buscas), a maior parte (47 documentos) foi encontrada desta maneira, junto ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) e ao Arquivo Público Mineiro (APM). Um aspecto interessante sobre a escolha dos termos de busca é que para encontrar documentos escritos por mulheres ou sobre mulheres o subterfúgio mais produtivo tem sido o uso de termos relativos a dados biográficos que sejam variáveis em gênero. Assim, por exemplo, a busca com a palavra-chave *preta forra* permitiu encontrar 19 documentos; com *cristã-nova*, 5 documentos; com *mulata forra*, 3 documentos; com *escrava*, 3 documentos – todos eles, naturalmente, envolvendo mulheres. Já nos casos dos termos relativos ao assunto do documento e invariáveis (como *bigamia, heresia, sodomia, traição*), os resultados de busca são muito mais numerosos – mas entre eles misturam-se documentos relativos à bigamia, heresia, sodomia e traição de homens e de mulheres, o que demanda um trabalho manual de seleção bastante longo. Um terceiro método interessante (em termos qualitativos, mais que quantitativos) tem sido o uso de termos de busca relativos ao assunto do documento que, embora invariáveis no gênero gramatical, tocam em aspectos particularmente próximos à vida das mulheres na colônia. Foi por exemplo o caso de *tabuleiro*, termo graças ao qual encontramos um documento inédito e extremamente rico no Arquivo Público Mineiro (SGO, 1794), o que pode ilustrar a estreita relação entre o conhecimento das condições de vida das mulheres no período colonial e a elaboração de estratégias de pesquisa frutíferas.

O mais importante, entretanto, foi observar que os documentos encontrados com as chaves de busca listadas acima apresentaram como característica em comum seu teor inédito – até o momento, não encontramos referência na bibliografia contemporânea a **nenhum** dos 47 documentos encontrados com esse método.

Formam-se assim duas estratégias de pesquisa, a que chamamos **Pesquisa por Indução** e **Pesquisa por Dedução**, e que se complementam: ao sistematizar os documentos primários sugeridos pela bibliografia (por 'Indução'), estamos reunindo as fontes primárias de alguns '*casos célebres*' da historiografia sobre as

mulheres no Brasil, como já apontamos; e, ao perseguir documentos por meio de termos-chave (por 'Dedução'), estamos reunindo fontes primárias inéditas e com potencial interesse para trabalhos futuros.

De fato, tomando-se em conta que já se vem formando um corpo razoável de fontes secundárias sobre a história das mulheres no Brasil desde a década de 1990, incluindo-se aí obras dedicadas à sistematização bio-bibliográfica de personagens femininas de destaque – é o caso, notadamente, do *Dicionário Mulheres do Brasil* (Schumaher et al, 2000) –, a sistematização de documentos relativos a mulheres comuns e suas vidas cotidianas pode vir a se configurar como uma contribuição relevante deste Catálogo. Note-se, neste sentido, que para cada documento encontrado em nossas buscas realizamos uma pesquisa sobre fontes secundárias (sendo esta, como já mencionamos, uma de nossas categorias de catalogação); além disso, dedicamos uma categoria especial às coincidências de nossas entradas com entradas em Schumaher et al (2000), tendo até o momento sido registradas cinco entradas coincidentes (Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, Felipa de Sousa, Francisca Luís, Hipólita Jacinta Teixeira de Melo e Paula de Sequeira). Assim, podemos listar como inteiramente inéditos (ou seja, sem *qualquer menção* encontrada na bibliografia) 39 dos 65 documentos prospectados até o momento para o Catálogo; outros dez não são inéditos, pois fazem parte do *corpus* do projeto *Post Scriptum*, mas não são referidos, segundo nossas pesquisas, por nenhum estudo bibliográfico sobre a história das mulheres.

A absoluta escassez de fortuna crítica em torno da maior parte dos documentos incluídos no MAP trouxe, entretanto, desafios importantes de um ponto de vista *filológico*. Em primeiro lugar, a falta de informações indiretas sobre esse material significou que o trabalho de catalogação precisou incluir sempre a consulta ao texto dos documentos. Mesmo tendo em conta que os documentos foram prospectados em arquivos com trabalho arquivístico intensivo e confiável (já mencionados anteriormente), nossas escolhas em torno das categorias de catalogação levaram à necessidade de complementar as informações das fichas catalográficas originais com informações do interior dos documentos. É o caso, notavelmente, das duas categorias centrais em nosso sistema: a *Nomeação*, que registra a forma como cada mulher é nomeada ou nomeia a si mesma no documento primário, e a *Voz*, que registra, no caso das autoras de próprio punho, um trecho do texto que consideramos emblemático de sua voz. Mais adiante comentaremos mais alguns aspectos sobre essas categorias; aqui importa ressaltar que, naturalmente, o registro dessas informações só pode ser feito por meio da leitura dos manuscritos. No caso dos onze documentos arrolados no *corpus* do projeto *Post Scriptum*, foi possível fazer essa leitura com facilidade a partir das excelentes edições filológicas eletrônicas oferecidas por aquela equipe de pesquisas; nos outros casos, o trabalho dependeu da leitura dos documentos primários, graças aos fac-símiles a que temos acesso via repositório digital.

Aqui residiram os desafios filológicos, ligados, em primeiro lugar, à amplitude de tempo e à diversidade de tipos de documentos consideradas na pesquisa. De fato, tendo em vista o objetivo principal do Catálogo (como já apontamos, a reunião de um conjunto documental cujo único ponto em comum é

envolver como temática mulheres), é natural e desejado que as tipologias sejam bastante distintas. Isso implica, para os documentos produzidos nos séculos XVI e XVII, sobretudo, um conhecimento paleográfico e diplomático acurado, uma vez que é sabido que os tipos de letra se relacionam muitas vezes aos ambientes onde se escrevia. Dessa forma, a letra encontrada em uma carta escrita de próprio punho por uma mulher não habituada a escrever pode diferir bastante daquela verificada em um processo inquisitorial, lavrado, na mesma época, por um notário especializado em realizar aquele tipo de documento. Assim, faz-se necessário estar familiarizado com a grafia de várias tipologias documentais e de períodos distintos. É um trabalho construído lentamente, portanto, já que depende do cumprimento das etapas tradicionais de edição: decifração dos caracteres, leitura e transcrição (embora, neste momento, apenas uma transcrição parcial). O conhecimento das estruturas formulaicas que compõem determinadas espécies documentais revelou-se bastante conveniente, uma vez que permite a familiarização com o tipo de letra, já que nos protocolos e escatocolos é possível prever com relativa segurança as fórmulas que serão encontradas. Nesse sentido, é interessante observar como mulheres de diferentes estratos sociais eram referidas nas partes formulaicas dos documentos, sobretudo daqueles inquisitoriais, como veremos na seção seguinte.

A leitura acurada da documentação permite, inclusive, corrigir erros históricos, como o nome de mulheres citadas em processos inquisitoriais. É o caso de Felicia Tourinha, processada e presa pelo Tribunal do Santo Ofício por superstição, feitiçaria e pacto com o demônio, em 1595, em Olinda (TSO, 1595). Na ficha disponível no ANTT, seu nome consta como "*Felícia Tourinh**o***", e nas pesquisas decorrentes ocorre o mesmo. O fólio de abertura do processo, no entanto, permite a identificação correta dos grafemas, como ilustra a Figura 7. Note-se que a letra do centro do fólio poderia causar algum problema de leitura, visto o fato de os grafemas *o* e *a* quando em posição final e quando seguidos de *s* apresentarem um traçado muito semelhante. No entanto, o nome escrito no alto à esquerda, em letra distinta, apresenta claramente o grafema *a* final.

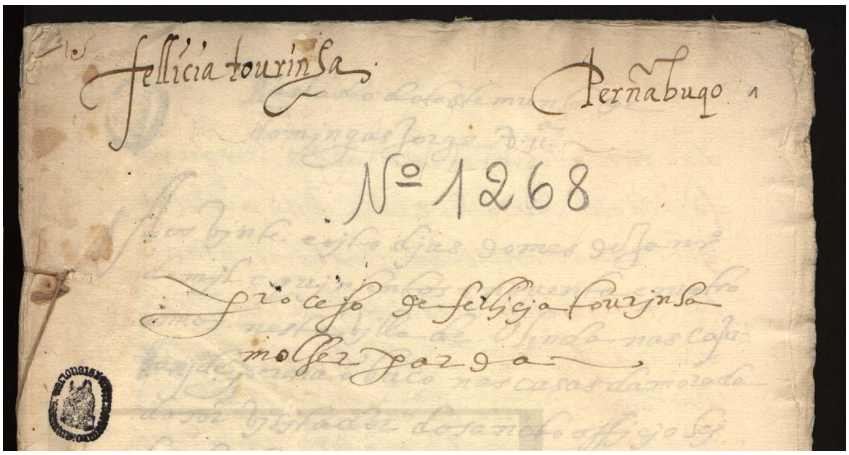


Figura 7 - Fólio de abertura do processo nº 1268, de Fellicia Tourinha (TSO, 1595)

A leitura ampla e paleograficamente acertada da documentação, ainda que não visasse à edição na primeira fase de construção do Catálogo, permite a reparação de erros históricos em um domínio tão humano, quanto o é o dos nomes próprios. Este é, neste projeto, um aspecto particularmente caro, tendo em vista que estamos construindo um índice onomástico, que pretende, por meio de sua nomeação, resgatar sujeitos silenciados.

Por fim, cabe ressaltar que nas próximas etapas da pesquisa, no escopo da presente proposta, se pretende editar os documentos cuja transcrição conservadora ainda não tenha sido publicada, seguindo para isso os moldes de edição digital propostos em Monte & Paixão de Sousa (2017), que lança mão da linguagem XML para produzir edições filológicas eletrônicas com diversas opções de visualização (cf. Seção 3.3). Esse método permite publicar os textos com diferentes graus de intervenção do editor, possibilitando a um tempo a leitura especializada e a de um público mais amplo. De momento, para terminar esta breve exposição dos resultados iniciais da pesquisa, passamos a comentar alguns aspectos de interesse nas informações documentais reveladas pelo método apresentado até aqui.

3.2.3 Resultados iniciais: *Francisca, Felipa, Isabel, Anna Maria*, e outras vozes já escutadas

Se quiséssemos fazer um panorama objetivo das informações arroladas no MAP até o momento, iniciaríamos dizendo que as mulheres autoras e as mulheres nomeadas nos documentos primários pesquisados têm entre dezessete e cinquenta anos, são em sua maioria casadas, e na maioria nascidas no Brasil e aqui residentes. A Tabela **1** mostra alguns números neste sentido (considerando apenas os 45 documentos inteiramente sistematizados, ou seja, a cujo teor interno já tivemos acesso).

Tabela **1**. Informações biográficas pontuais encontradas nos documentos

Categoria	**Informação** (e número de casos)	*Casos sem informação*
Idade	40 anos (6), 35 anos (2), 30 anos (2), 36 anos (2), 38 anos (2), 17 anos (1), 18 anos (1), 25 anos (1), 33 anos (1), 41 anos (1), 48 anos (1), 50 anos (1).	(13)
Estado civil	Casada (21), Solteira (7), Viúva (3)	(6)
Condição social; Ocupação	Cristã-velha (8), Parte de cristã-nova (3), Cristã-nova (2), Meia cristã-nova (1); Preta forra (5), Mameluca (1), Parda (1); Escrava (5), Vendedeira (1), Costureira (1).	(13)
Naturalidade	Brasil (14) *sendo: Bahia (4), Paraíba (3), Pernambuco (3), Minas Gerais (2), Pará (1), Rio de Janeiro (1);* Portugal (9); Angola (3); Açores (1).	(11)
Morada	Brasil (29) *sendo: Bahia (11), Pernambuco (6), Minas Gerais (5), Paraíba (4), Rio de Janeiro (2), Pará (1);* Portugal (2); Madeira (1).	(6)

Tomando em conta a fase ainda inicial do trabalho, entretanto, os números mostrados acima naturalmente não podem ser tomados como representativos da situação da mulher no período colonial

– são, de fato, nada mais que indicações do perfil das mulheres que se consegue encontrar por meio de buscas em arquivos tais como as que aqui descrevemos. Nesse sentido restrito, o fato mais interessante é a diversidade de perfis sociais com os quais nos deparamos, e que atribuímos ao método Dedutivo de pesquisa por chaves de busca (como já apontamos acima), que não restringe a busca a personagens comentados na bibliografia, normalmente envolvidas em *'casos célebres'*. Assim, embora tenha sido raro, por exemplo, encontrar a informação da ocupação da mulher nos dados catalográficos originais, a leitura dos documentos nos mostra mulheres nas mais diversas condições sociais. Cinco mulheres viviam em condição de escravidão: Mariana, Felizarda, Ana Rosa Pereira, Quitéria Maria da Conceição[7] e a anônima escrava de Anastacia da Conceição (SGO, 1794); duas são trabalhadoras remuneradas com ocupações médias: Felipa de Sousa, costureira, e Francisca Luís, vendedeira; duas são proprietárias de terras: D. Hipólita Jacinta e Bárbara Heliodora. Para trinta mulheres, entretanto, não encontramos indicação de ocupação (em alguns casos, há registro da ocupação de seus maridos: lavrador, pedreiro, oleiro, ourives, soldado ou contador del-rei, permitindo também um vislumbre indireto de sua condição social). Por outro lado, em particular nos casos de processos e requerimentos, encontramos informações que são indicativas do estatuto da mulher no contexto da sociedade da época; assim, algumas mulheres são descritas, apenas, como "*cristãs-velhas*" (sete casos); "*parte de cristã-nova*" (3 casos) ou "*meia cristã-nova*" (um caso); "*cristã-nova*" (2 casos); algumas, apenas como "*preta forra*" (4 casos), "*parda*" (1 caso), "*mameluca*" (1 caso); em raros casos, as classes de informações se misturam (como Francisca Luís, identificada como "*preta forra*" e "*vendedeira*", ou Felipa de Sousa, como "*cristã velha*" e "*costureira*").

Nesse sentido, e mais relevante do que mostrar dados numéricos, será importante tratar aqui da nossa abordagem de arrolamento dos dados, que, como já sugerimos acima, envolve primordialmente a leitura dos documentos e a seleção de trechos que julgamos importantes, seja por trazerem a voz das mulheres, seja por mostrar de que forma foram referidas pelos que sobre elas escreveram relatando seu discurso. É de fato nos trechos de *Nomeação* (como chamamos) que as informações biográficas sobre cada mulher são encontradas (ou, ao menos, confirmadas) – e essas informações, assim, podem remeter menos a fatos que desejamos saber hoje que aos fatos considerados relevantes à época de produção dos documentos, como mencionamos acima. Nos Quadros **1 e 2** abaixo listam-se alguns exemplos, em entradas relativas a mulheres nomeadas em documentos primários. Note-se, particularmente, que no caso dos processos inquisitoriais a informação de maior destaque nos trechos de nomeação é a condição de *cristã-velha* ou *cristã-nova*, no todo ou em parte:

[7] Ana Rosa e Quitéria, em processo de luta por libertarem-se dessa condição, sendo nomeadas em requerimentos nos quais defendem suas próprias cartas de alforria (SGO 1776, SGO 1753).

Quadro **1**: Trechos de nomeação, no rosto de processos inquisitoriais

Anna da Fonseca [cristã] n[ova] solteyra f[ilh]a de Luiz Nunes da Fon[se]ca q[ue] foy laurador de cana n[atur]al da Parahiba e m[orado]ra no engenho velho Bispado de Pernambuco – TSO (1728)

Domingas da Rosa de Morais molher de Paulo de freitas oleiro natural da cidade da Paraiva Bispado de Pernambuco, e moradora na cidade de olinda do mesmo Bispado estado do Brasil – TSO (1689)

Felícia Tourinha molher parda – TSO (1595)

Filipa de Sousa cristã velha costureira natural de tavira do algarve filha de Manoel de Sousa e de sua mulher môr gonçalvez defuntos de idade de trinta e cinco anos, casada com francisco pirez pedreiro, moradora nesta cidade – TSO (1591)

Filipa Nunes meya [cristã] n[ova] cazada com Jozé Nunes y viue de sua Rossa n[atur]al e m[orado]ra do Rio das marés termo da Parahiba Bisp[a]do de Pernambuco – TSO (1731)

Floriana Rodrigues p[art]e de [cristã] n[ova] viuva de D[iog]o Pereyra soldado infante, n[atur]al do engenho do meyo e m[orado]ra no sitio do Rio do meyo Bispado de Pernambuco – TSO (1730)

Francisca Luis mulher preta forra criola da cidade do porto casada com Domingos Soarez homem pardo Remedão ausente do qual não tem novas se vivo se morto vendedeira moradora nesta cidade – TSO (1592)

Luzia Pinta preta forra f[ilh]a de M[anu]el da Graça natural da cidade de Angola e m[orado]ra na V[ila] do Sabará Bisp[a]do do Rio de Janeiro – TSO (1739)

Maria Álvares Mamaluca – TSO (1593)

Páscoa Vieira preta forra filha de Manoel Carualho, natural de Massangano Reyno de Angola, e moradora na Cidade da Bahya de todos os Santos, preza nos carçeres da Inquisição desta Cidade de Lisboa – TSO (1694)

Quadro **2**: Trechos de nomeação, em outras partes dos documentos

a ditta escrava buçal esem intilig[enci]a – SGC (1794)

Anastacia da Conceição preta forra – SGC (1794)

Catarina Quaresma que ora está nesta cidade casada com Pedro de Aires castelhano e se chama dona Catarina Quaresma – TSO (1593)

Francisca da Silva viuva, que ficou de Patricio Jaques com três filhas todas pardas [...] – SGC (1805)

D. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, filha do falecido Cap.-Mor Pedro Teixeira de Carvalho e irmã do então Cap.-Mor Gonçalo Teixeira de Carvalho [ADIM V.2 p.39] – OVL (1789)

Isabel Antonia: **Isabel Antonia** mulher que não tem marido moradora nesta cidade que dizem que veio do Porto degradada por usar o pecado nefando com outras mulheres – TSO (1592)

Isabel da Fonseca cristã velha natural desta Bahia filha de Francisco de Morais e de sua mulher Caterina Frois casada com Guaspar Muniz lavrador morador em Tasuapina de idade de dezassete anos – TSO (1592)

Isabel de Lamas cristã velha mulher de Francisco Martins, natural deste Pernambuco ré presa que presente esta como quem tinha pouca reverência ao venerandíssimo Tribunal do Santo Ofício e pouco temor de Deus e da condenação de sua alma vindo à mesa jurou nela falso em caso grave pertencente ao Santo Ofício – TSO (1594)

A inclusão da informação sobre a forma de nomeação das mulheres, assim, pode se configurar como uma fonte de informações históricas objetivas (como vimos, trazendo dados biográficos como estado civil, ocupação, etc.); entretanto, não é esse nosso propósito principal ao incluir este registro no Catálogo. De fato, ao transcrever literalmente os trechos em que as mulheres são nomeadas e (por assim dizer)

explicadas nos documentos, pretendemos trazer à tona *a forma como foram olhadas e categorizadas* pela sociedade em seu tempo, buscando um vislumbre de sua vida e experiência cotidiana, ainda que marcado pelo viés da perspectiva dos que sobre elas escreveram.

Também extremamente interessante, nesse sentido, é a recuperação da nomeação das mulheres que produziram seus próprios escritos. Nesses casos, registramos a forma que as autoras referem-se e nomeiam-se a si mesmas, selecionando para isso os trechos de fechamento das cartas pessoais, como se pode ver no Quadro **3**[8]:

Quadro **3**: Nomeação de sete autoras de cartas pessoais

Desta que não devera ser, **Vicência Jorge** – Jorge (1591) Desta vossa muito certa por quem tantas lágrimas choro, **Vicência Jorge**, perfeita amiga mulher ao meu marido muito certo Jerónimo Monteiro. – Jorge (1594)
De sua mulher, **Inês Fernandes** – Fernandes (1592)
De Vossa Mercê sua criada de Vossa Mercê, **Domingas da Rosa** – Rosa (1689)
De vossa Mulher saudosa leal e amante **Isabel Gomes** – Gomes (1730) De vossa mercê mulher amante Primeira e que o adora, mas desgraçada **Isabel Gomes** – Gomes (1733)
De vossa mercê sua Serva muito de Antonio José **Maria Clara De Anuciação** – Anunciação (1730a) / Serva de Antonio José **Maria Clara de Anunciação** – Anunciação (1730b e c)
De vossa mercê Serva e Criada **Anna Maria Cardosa** – Cardosa (1765)
De vossa Reverendíssima Muito Veneradora e Criada **Dona Maria Thereza de Nazaré** – Nazaré (1769)

Mais animadora é a categoria *Voz*, para o caso das mulheres autoras, onde deixamos registrado um trecho do texto que nos parece particularmente importante para compreendermos sua história e seu modo de vida. Trata-se, aí, de uma anotação que não traz nenhum dado catalográfico objetivo no sentido usual – é, apenas, uma escolha subjetiva das catalogadoras. Nessa escolha e nesse registro, entretanto, pensamos poder escutar essas vozes por tanto tempo caladas. Alguns exemplos estão no Quadro **4**:

Quadro **4**: "Voz" de seis autoras de cartas pessoais

Senhor. Não me espanto não haverdes dó de mim, pois fostes tão cru que o não houvestes da vossa carne. Mas eu vos hei por requerido para diante de Jesus de Nazaré para estarmos à conta, eu vós. Pois sabeis muito bem que eu pudera estar casada se não fora por amor de vós e os trabalhos que por vós passei. Mas não se me dá a nada, que não deixo de levar agora melhor vida do que então levei. Mas este é o pago que destes. Nada tome. Deus é bom juiz. [...] – Jorge (1591)
Senhor. [...] Há de me fazer mercê de me mandar novas de vossa saúde e vida pedindo-lhe que assim ma faça de vos trazer diante de estes olhos que já não veem de chorar contínuo ausência de vossa vista – Cabreira (1592)
Senhor. Como muito de desejo há de saber novas suas, não me enfado de escrever por todas as vias. Estando este navio para partir, fiz estas regras, aventura como outras muitas que tenho feitas, sem nunca

[8] Nos exemplos, apresenta-se a edição modernizada dos trechos; no arquivo XML, estão registradas a versão conservadora e a modernizada. Com o sistema de apresentação de edições em camadas (Monte e Paixão de Sousa, 2017), é possível escolher, em diferentes instâncias de publicação, uma ou outra forma de visualização.

> saber novas suas. Não sei em que ponha tanto descuido quanto Vossa Mercê tem. Torno a cuidar que o tem já por descuido. Peço-lhe por amor de Nosso Senhor, e pela alma de sua mãe, que se lembre de uma órfã tão desamparada e de seu filho que passa muitos bocados de fome, porque muito bem sabe Vossa Mercê que não tenho parente nem parenta que me seja bom com nada – Fernandes (1592)
>
> Meu Marido Do meu coração e meu Senhor nunca cuidei que fosse tão poderosa a fortuna; para dar-me não só uma vida morta no decurso de dezoito anos de sua ausência e companhia; como tão cruel Golpe que nesta ocasião por mim passa com a notícia que tive dos banhos que vossa mercê mandou a esta terra para se casar nessa terra donde se acha; que certamente me fica trespassada Alma – Veiga (1730)
>
> Senhor Antonio José [...] peço é que vossa mercê não vá em casa de senhora Manoela que abasta que padeço por mó de vossa mercê os meus Irmãos fuja deles como o diabo fugiu da cruz não posso Dizer mais [...] – Anunciação (1730c)
>
> [...] agora andam me jurando a pele por querer me matar e andam dizendo que não hei de escapar mesmo e assim quero que prendam esta gente que não tombem mais para esta terra [...] são uma gente maus e assim que quero que façam o que quiserem dele que eu não posso viver mais receosa deles – Cardosa (1765)

As categorias de *Voz* e *Nomeação* figuram em destaque entre as informações acessíveis ao leitor na visualização do Catálogo sob forma de mapa ou de fichas individuais. A Figura **8** abaixo mostra isso para a entrada para Isabel Antonia, com seu nome, a breve descrição do documento, e seu trecho de nomeação: "*Isabel Antonia mulher que não tem marido moradora nesta cidade que dizem que veio do Porto degradada por usar o pecado nefando com outras mulheres*" (TSO 1592):

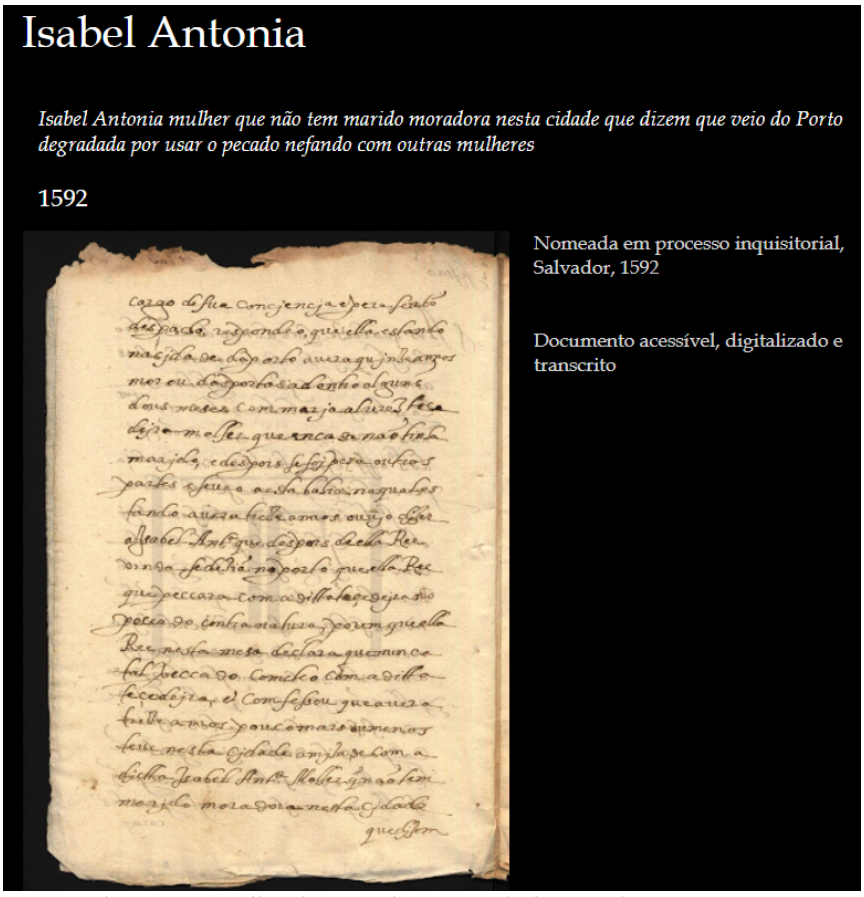


Figura **8**: Detalhe da entrada para Isabel Antonia – *Nomeação*

Dentre o grupo das autoras, como já apontado, registramos além do trecho de nomeação um trecho representativo de sua voz. Exemplo emblemático é o caso de Anna Maria Cardosa, que se vê obrigada a pegar da pena para relatar os abusos sexuais que ela e suas irmãs sofriam, e que, em um trecho da carta que envia ao alferes de Atibaia, denuncia: "*agora andam me jurando a pele por querer me matar e andam dizendo que não hei de escapar mesmo*", e suplica: "*e assim quero que prendam esta gente que não tombem mais para esta terra* [...] *são uma gente maus e assim que quero que façam o que quiserem dele que eu não posso viver mais receosa deles*", trechos que descortinam, aqui, sua *Voz*:

Figura **9**: Detalhe da entrada para Anna Maria Cardosa – *Voz*

Assim tentamos, de um lado, fazerem-se ouvir as vozes das mulheres reunidas no mapa; e, de outro, destacar-se o olhar lançado sobre elas por aqueles que registraram suas vidas.

Para podermos de fato atingir esse objetivo plenamente, para além dos resultados incipientes obtidos nos primeiros meses da pesquisa e até aqui brevemente resumidos, resta-nos entretanto um longo caminho a percorrer. Faltam-nos ainda algumas etapas fundamentais – nomeadamente, a edição filológica dos manuscritos inéditos, e, naturalmente, a própria expansão do catálogo (em especial contemplando os acervos físicos). Na seção **3.3** a seguir apontamos os principais aspectos que precisam ser aprofundados e adicionados ao trabalho, para mais adiante detalhar os procedimentos que pretendemos seguir para isso.

3.3 Perspectivas para uma segunda fase de pesquisas

É nossa avaliação que o principal resultado das pesquisas em torno do M.A.P. entre setembro de 2017 e junho de 2018 foi a construção de uma metodologia consistente com os objetivos inicialmente colocados para o Projeto. Em particular, nesse sentido, chegamos a três avanços técnicos importantes:

1. O delineamento de **técnicas de prospecção** de documentos em acervos digitais muito proveitosas (por meio da pesquisa por Dedução e por Indução, como descrevemos acima);
2. A composição de um conjunto relevante de **informações catalográficas** para descrever os documentos (com as categorias mais objetivas como dados biográficos e bibliográficos, e categorias mais sutis como Voz e Nomeação, como também descrevemos acima);
3. A concepção e implementação de um **molde computacional** adequado para a codificação e extroversão dessas informações (graças à adoção da anotação XML, das técnicas de busca e transformação X-Query e XSLT, e ainda da interação com o georreferenciamento de dados via KML).

Para além desses aspectos técnicos, pensamos ter construído, nessa fase inaugural, uma relação extremamente rica entre a pesquisa teórica e os procedimentos metodológicos, uma vez que esses procedimentos estão fortemente fundados na nossa leitura da bibliografia sobre a história social, a história do cotidiano e a história das mulheres no ambiente atlântico português.

Entretanto, há ainda desafios imensos a serem ultrapassados para que o M.A.P cumpra seus objetivos. De partida, coloca-se o problema da sua expansão: de fato, se em nove meses de pesquisa catalogamos 45 textos, seria incalculável o tempo que ainda levaríamos, nesse ritmo, para expandi-lo. Precisamos, assim, ter como objetivo agora não simplesmente a expansão do Catálogo, mas sim o desenvolvimento de recursos que tornem mais ágil o trabalho de catalogação. Vemos nesse sentido desafios de três ordens principais – arquivísticos, filológicos e computacionais. Do ponto de vista do trabalho junto aos arquivos, temos como meta nesta nova fase empreender a **prospecção de acervos físicos** (que, no primeiro ano, aconteceu de forma apenas incipiente), estabelecendo procedimentos e técnicas de pesquisa, como fizemos para os acervos digitais. No que remete ao trabalho filológico, tornou-se claro que, embora nosso objetivo não seja compor um *corpus* de textos – mas sim um catálogo de documentos – será necessário empreendermos um **trabalho de edição**, ao menos parcial, para podermos tratar os documentos com o cuidado devido e pressuposto pelos nossos objetivos de catalogação. Por fim, quanto ao trabalho computacional, precisamos consolidar e aperfeiçoar as tecnologias de processamento escolhidas e as técnicas desenvolvidas na primeira fase, para de fato aproveitar seu pleno potencial de extroversão e difusão da informação contida nos documentos – a em particular, desenvolvendo **um sistema de buscas e transformações dinâmicas**, que de fato possibilitem a expansão do catálogo.

Resumem-se assim as principais metas dessa segunda fase de pesquisas. No que segue, pontuamos as principais atividades a serem conduzidas com vistas a cumpri-las.

4. Materiais e Métodos

4.1 Plano geral de pesquisa

Em consonância com nossa avaliação da primeira fase das pesquisas, resumida acima, elegemos para a presente etapa do Projeto três metas principais:

1. Empreender a **prospecção de acervos físicos**, estabelecendo procedimentos e técnicas;
2. Iniciar um **trabalho de edição filológica** parcial dos documentos;
3. Desenvolver e implementar um **sistema de buscas e transformações dinâmicas** para o Catálogo online, via X-Query e XSLT.

A essas três primeiras metas somam-se outras três, não menos importante, mas que formam um âmbito separado, por se tratar de atividades de continuação de procedimentos já iniciados na primeira fase:

4. Dar continuidade à busca nos acervos digitais;
5. Dar continuidade à alimentação do Catálogo;
6. Dar continuidade ao trabalho de leitura, reflexão e debate em torno da bibliografia

Tendo em mente essas metas, reorganizamos a forma de trabalho no Projeto neste segundo ano, separando-se, para fins de organização da proposta, duas vertentes de trabalho: uma **vertente filológica** e uma **vertente digital**. O Projeto está unificado, entretanto, no âmbito do trabalho teórico e de leitura, e no âmbito do trabalho de prospecção documental – no que denominaremos, aqui, o '**núcleo comum'** do Projeto. Diferentes materiais e métodos remetem a cada vertente:

7. No **núcleo comum** do Projeto – estudo bibliográfico e prospecção de arquivos – os materiais e métodos a serem utilizados serão os catálogos físicos e eletrônicos dos arquivos a serem prospectados, além da própria documentação manuscrita, seja em formato digital, seja in loco nas salas de consulta das instituições localizadas na capital. A metodologia de trabalho consistirá da leitura e discussão da bibliografia fundamental indicada e da pesquisa de campo realizada nos arquivos físicos (cf. **4.2.1**).
8. Na **vertente digital**, os materiais e métodos são a anotação em linguagem XML a ser processada via XLST e X-Query, já implementadas na primeira fase. O protocolo já estabelecido em 2017 prevê que todos os participantes do Projeto sejam capacitados a usar o XML, já que é neste formato que as entradas do Catálogo são anotadas por todos os catalogadores. Nesta fase, entretanto, alguns pesquisadores irão também aprender a linguagem XSLT e X-Query, para desenvolver buscas remotas no servidor (cf. **4.2.2**).
9. Na **vertente filológica**, os materiais e métodos são a leitura preliminar e a edição filológica conservadora e modernizada de trechos selecionados da documentação. Os pesquisadores participarão de oficinas de Paleografia para familiarizarem-se com as letras do período em questão. As normas de edição serão elaboradas tendo em vista a especificidade da publicação, ou seja, o catálogo M.A.P. A metodologia de trabalho consistirá da realização de uma primeira edição, conservadora, a ser revisada pelos pares anteriormente à elaboração da edição modernizada. (cf. **4.2.3**)

Por fim, note-se que a vertente filológica será supervisonada pela Profª. Vanessa Martins do Monte, e a vertente digital, pela Profª. Maria Clara Paixão de Sousa; as duas professoras trabalharão juntas na coordenação do núcleo comum do Projeto. A seguir, detalham-se cada uma das três áreas de atividades assim delineadas.

4.2 Ações e detalhamento das atividades a serem desenvolvidas pelos bolsistas

4.2.1 Núcleo comum

O grupo de estudos em torno da bibliografia fundamental sobre a história das mulheres é central nas atividades do Projeto, e terá a participação de todos os bolsistas, quinzenalmente.

Nossa experiência no primeiro ano de pesquisas foi, nesse âmbito, extremamente enriquecedora; a reflexão e o diálogo proporcionados pelos encontros de leitura mostraram-se fundantes para o trabalho de busca documental e estruturação das informações catalográficas. Pretendemos, assim, dar continuidade e aprofundar as atividades do grupo de estudos. A bibliografia completa reunida para o Projeto está disponível online em http://www.nehilp.org/~nehilp/HD/MAP/MAP_Bibliografia.html – envolvendo atualmente 62 títulos, em uma lista, naturalmente, apenas indicativa do nosso desejo de futuras leituras. De modo mais realista, na primeira fase trabalhamos os onze títulos a seguir:

1. Algranti, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: LM e Souza, org. História da vida privada no Brasil, v. 1, Cotidiano e vida privada na América Portuguesa, p. 83-154. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.
2. Araújo, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: Priore, Mary del, organizadora. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp; 2004. 45-77.
3. Figueiredo, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: Priore, Mary del, organizadora. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp; 2004. p. 141-188.
4. Lacerda, Marina Basso. Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2010.
5. Priore, Mary del. A Mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto; 1994.
6. Priore, Mary del. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo; 1990.
7. Priore, Mary del. Magia e medicina na Colônia: O corpo feminino. In: Priore, Mary del, organizadora. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp; 2004. p. 78-114.
8. Raminelli, Ronald. Eva Tupinambá. In: Priore, Mary del, organizadora. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp; 2004. P. 11-44.
9. Russell-Wood, A J R. Women and Society in Colonial Brazil. Journal of Latin American Studies, Vol. 9, No. 1, pp. 1-34; 1977.
10. Vainfas, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: Mary del Priori, organizadora. História das mulheres no Brasil, p. 115-140. São Paulo: Editora da Unesp; 2004.
11. Vainfas, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: Laura de Mello e Souza, organizadora. História da vida privada no Brasil, v. 1, Cotidiano e vida provada na América Portuguesa, p. 221-274. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

Na presente etapa, iremos re-trabalhar esses mesmos textos, e incluiremos outros títulos que se mostrarem relevantes a partir das discussões conduzidas. Planejamos, para o início dos trabalhos, realizar

um Seminário com a participação das quatro bolsistas da primeira fase, que irão relatar aos novos pesquisadores esta experiência, e introduzir os principais tópicos discutidos e a serem aprofundados.

Uma segunda parte do trabalho no Núcleo Comum é a prospecção documental – de fato, o cerne do trabalho dos bolsistas. Para a presente etapa, iremos separar dois grupos focais: o grupo que trabalhará na Vertente filológica, supervisionado pela Profª. Vanessa Martins do Monte, irá focar a prospecção nos acervos físicos; o grupo que trabalhará na Vertente digital, supervisionado pela Profª. Maria Clara Paixão de Sousa, irá focar a prospecção nos acervos digitais. As atividades em cada caso são descritas em **4.2.2** e **4.2.3**.

4.2.2 Vertente digital

A Vertente digital do Projeto será supervisionada pela Profª. Maria Clara Paixão de Sousa, e se encontra detalhada no Projeto por ela encaminhado ao PUB.

4.2.3 Vertente filológica

Na vertente filológica, conforme apontado mais acima, além das atividades no grupo de estudos da bibliografia, os bolsistas irão trabalhar na prospecção de acervos físicos, colaborar na alimentação do Catálogo em linguagem XML e, como atividades específicas da Vertente, selecionar documentos nos arquivos físicos e desenvolver as edições conservadores e modernizadas de trechos selecionados da documentação.

Dadas as dificuldades inerentes ao processo de busca de documentos para constarem do Catálogo M.A.P, conforme já referido na seção 3.2.2, será importante que os bolsistas sejam capacitados a prospectar arquivos físicos, nomeadamente o Arquivo do Estado de São Paulo (APESP), com o qual iniciaremos os trabalhos de busca nesta segunda fase do projeto. Há uma série de maneiras de buscar a documentação nos catálogos eletrônicos e físicos dos arquivos e esse aprendizado constituirá parte essencial dessa Vertente. Além disso, torna-se imprescindível a capacitação em Paleografia, que permitirá a decifração e a leitura dos documentos encontrados, para sua posterior edição filológica.

Para dar conta da capacitação em Paleografia, serão oferecidas oficinas aos bolsistas, nas quais poderão se familiarizar com as letras típicas usadas na América Portuguesa. A prospecção de arquivos físicos será realizada inicialmente sob minha supervisão no Arquivo do Estado e, posteriormente, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Cabe ressaltar que o diretor do Centro de Acervo Permanente do APESP, Marcelo Quintanilha Martins, vem acompanhando o projeto e colaborando com a indicação de fundos documentais com mais chances de atender aos objetivos desta pesquisa.

O Quadro **5** abaixo mostra o número mínimo e máximo de bolsistas para o projeto, a abertura para estudantes ingressantes, e o número de participantes não-bolsistas do Projeto; o Quadro **6** a seguir detalha as atividades de cada bolsista:

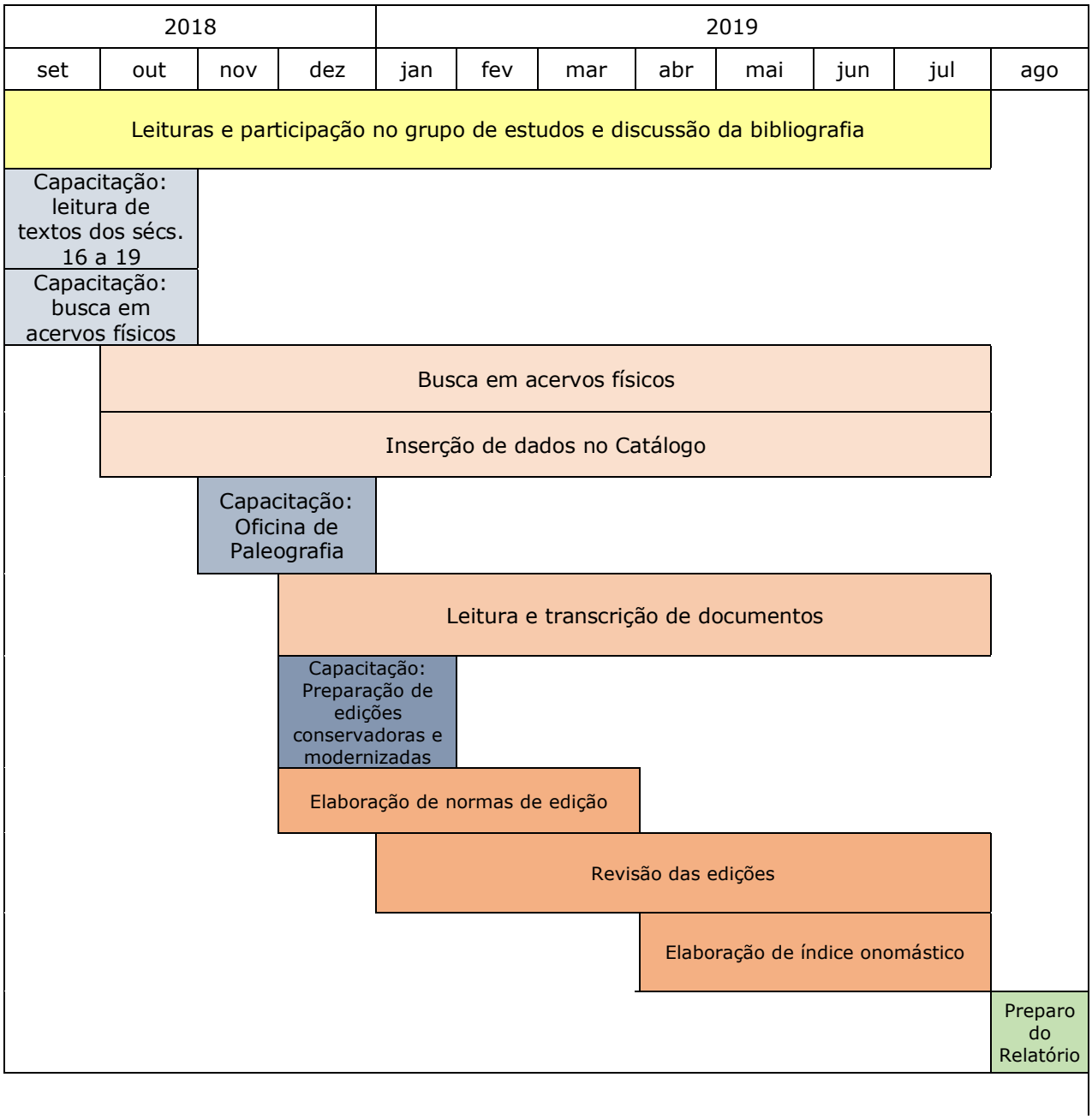
Quadro **5***:* Número de bolsistas solicitados

Número ideal de bolsistas:	6
Número mínimo de bolsistas:	4
Número mínimo de estudantes ingressantes a serem inseridos no projeto:	1
Número ideal de estudantes ingressantes a serem inseridos no projeto:	1
Número total de participantes não-bolsistas:	2

Quadro **6***:* Atividades detalhadas dos bolsistas (vertente filológica)

Atividades no Projeto	Bolsista participante					
Leituras e participação no grupo de estudos e discussão da bibliografia	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3	Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6
Capacitação: leitura de textos em português dos séculos 16 a 19	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3			
Capacitação: busca em acervos físicos	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3			
Busca em acervos físicos	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3			
Inserção de dados no Catálogo	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3			
Capacitação: oficina de Paleografia	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3	Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6
Leitura e transcrição de documentos	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3	Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6
Capacitação: Preparação de edições conservadoras e modernizadas				Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6
Elaboração de normas de edição				Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6
Revisão das edições	Bolsista 1	Bolsista 2	Bolsista 3	Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6
Preparação de índice onomástico com variantes gráficas				Bolsista 4	Bolsista 5	Bolsista 6

4.3 Cronograma de execução (núcleo comum e vertente filológica)



5. Resultados esperados e indicadores de acompanhamento

Espera-se, neste Projeto, expandir o levantamento e a organização da documentação manuscrita de mulheres e sobre mulheres, dos séculos XVI a XIX, relacionadas de alguma forma ao espaço atlântico português. O principal resultado das pesquisas será a expansão e consolidação do Catálogo M.A.P., com informações relevantes sobre a documentação levantada. Os indicadores de acompanhamento podem ser descritos como:

1. Relatórios mensais das atividades dos bolsistas a ser elaborado individualmente, com a discriminação das horas despendidas em cada atividade, de modo a compor o total de 40 horas,

conforme disposto em Edital (http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/EDITAL_PROGRAMA-UNIFICADO-DE-BOLSAS_2017_2018.pdf);
2. Reuniões trimestrais de avaliação sobre o andamento das atividades, a serem realizadas entre as docentes e os bolsistas;
3. Avaliação da leitura crítica da bibliografia indicada, a ser discutida nos grupos de estudo quinzenais dedicados ao debate das referências bibliográficas;
4. Publicação do Catálogo Geral, com acesso livre, em http://www.nehilp.org/~nehilp/HD/MAP

6. Outras informações relevantes para o processo de avaliação

O projeto é coordenado pelas Profas Vanessa Martins do Monte e Maria Clara Paixão de Sousa, da área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e do Grupo de Pesquisas Humanidades Digitais. O trabalho dos bolsistas será supervisionado diretamente pela Profa. Vanessa no que toca à busca em arquivos e o trabalho filológico e paleográfico em torno dos documentos, e pela Profa. Maria Clara (conforme proposta por ela encaminhada ao PUB, sob o título M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa): mapeamento digital de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português) junto à parte técnica da construção do catálogo digital online (esta última, conforme as diretrizes da presente Proposta). As duas docentes coordenarão e supervisionarão o trabalho no grupo de estudos sobre a bibliografia fundamental, e o andamento mais geral das pesquisas, seguindo a parceria iniciada já em 2017.

Referências Bibliográficas

Algranti, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: LM e Souza, org. História da vida privada no Brasil, v. 1, Cotidiano e vida privada na América Portuguesa, p. 83-154. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

Algranti, Leila Mezan. Honradas e devotas: mulheres da Colônia: estudos sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste, 1750-1822. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo; 1992.

Algranti, Leila Mezan. Mulheres Enclausuradas no Brasil Colonial. In: Holanda, Heloisa Buarque de e Capelato, Maria Helena Rolim, coordenadoras. *Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas*. São Paulo: Edusp; 1999.

Almeida, Sandra Regina Goulart. Mulher Indígena. In: Bernd, Zilá, organizadora. *Dicionário de Figuras e Mitos Literários nas Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/UFRGS Editora; 2007. p. 462-467.

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, CLUL, editor. P.S. Post Scriptum. Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna. Acessado em 31/01/2018. Disponível em: http://ps.clul.ul.pt

Dias, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense; 1984.

Federici, Ligia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante; 2017.

Figueiredo, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary del, org. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp; 2004. (p. 141-188).

Lacerda, Marina Basso. Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2010.

Leite, Miriam Lifchtz Moreira. *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 1982.

Monte, Vanessa Martins do; Paixão de Sousa, Maria Clara. Por uma filologia virtual: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596). Revista da Abralin, v. 16, p. 239-264; 2017.

Perrot, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de História, v. 9, n. 18, p. 9-18; 1989.

Priore, Mary del. Apresentação. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp; 2004.

Priore, Mary del. A Mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto; 1994.

Priore, Mary del. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo; 1990.

Priore, Mary del. Magia e medicina na Colônia: O corpo feminino. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp; 2004. p. 78-114.

Rago, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1985.

Reis, Liana Maria. A mulher na Inconfidência: Minas Gerais (1789). *Revista do Departamento de Historia*, 9 (1989): 86-95.

Russell-Wood, A J R. Women and Society in Colonial Brazil. Journal of Latin American Studies, Vol. 9, No. 1, pp. 1-34; 1977.

Schumaher, Maria Aparecida, et al. *Dicionário mulheres do Brasil: De 1500 até a atualidade. Biográfico e ilustrado*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar; 2000.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. Historia da família no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. Mulheres brancas no fim do período colonial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, p. 75-96; jan. 2008.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. Sistemas de casamento no Brasil colonial. São Paulo: Edusp; 1984.

Silva, Maria Beatriz Nizza. A Educação da Mulher e da Criança no Brasil Colônia. In: M Stephanou, MHC Bastos, orgs.Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Vol. I: Séculos XVI-XVIII. 4. ed. 131-145. Petrópolis, RJ: Vozes; 2010.

Silva, Tania Maria Gomes da. Trajetória da historiografia sobre as mulheres no Brasil. Politeia, v. 8, n. 1, p. 223-231. Vitória da Conquista; 2008.

Stam, Robert; Shohat, Ella. Tropos do império (Cap. 4). *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify; 2006. p. 199-260.

Vainfas, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: Mary del Priori, organizadora. História das mulheres no Brasil, p. 115-140. São Paulo: Editora da Unesp; 2004.

World Wide Web Consortium, W3C (2006). XML Query (Xquery). Disponível em https://www.w3.org/XML/Query

World Wide Web Consortium, W3C (2016). Extensible Markup Language (XML). Disponível em https://www.w3.org/XML

World Wide Web Consortium, W3C (2017). Extensible Stylesheet Language Transformations (XSLT). Disponível em https://www.w3.org/Style/XSL

Anexo: Corpus (primeiro ano do projeto)

Anunciação, Maria Clara da. Carta pessoal. São Paulo, 1730. ACM-SP/PS - Arquivo da Cúria Metropolitana PGA-100/ Projeto P.S., PSCR1741 .http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/anotadas_PT/PSCR1741.xml . Maria Clara da Anunciação, [AA|007|MCA] .

Anunciação, Maria Clara da. Carta pessoal. São Paulo, 1730 . ACM-SP/PS - Arquivo da Cúria Metropolitana PGA-100/ Projeto P.S., PSCR1740 .http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/anotadas_PT/PSCR1740.xml . Maria Clara da Anunciação, [AA|008|MCA].

Anunciação, Maria Clara da. Carta pessoal . São Paulo, 1730 . ACM-SP/PS - Arquivo da Cúria Metropolitana PGA-100/ Projeto P.S., PSCR1742 .http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/anotadas_PT/PSCR1742.xml . Maria Clara da Anunciação, [AA|009|MCA] .

Cabreira, Catarina Garcia de. Carta pessoal . Vila Viçosa, 1592 . ANTT/PS - TSO-IL, 1476 / Projeto P.S., PSCR1143 . http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/PSCR1143.xml . Catarina Garcia de Cabreira, [AA|006|CGC] .

Cardosa, Anna Maria. Carta pessoal . Atibaia, 1765 . Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNJ) - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Coleção Morgado de Mateus, Documentos Avulsos. Cota: I 30, 21, 25 . *Documento não disponível em repositórios*

digitais. Anna Maria Cardosa, [AA|008|AMC] .

Fernandes, Inês. Carta pessoal . Madeira, 1592 . ANTT/PS - TSO-IL, 2555 / Projeto P.S., PS2517 . http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/anotadas_PT/PS2517.xml . In ês Fernandes, [AA|005|IF] .

Jorge, Vicência. Carta pessoal . Oeiras, 1591 . ANTT/PS - TSO-IL, 10755 / Projeto P.S., CARDS2253 . http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/EdictorMerged/CARDS2253.xml . Vicência Jorge, [AA|003|VJ] .

Jorge, Vicência. Carta pessoal . Lisboa, 1594 . ANTT/PS - ANTT, TSO, IL, 10755 / Projeto P.S., CARDS2252 . http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/Copias/CARDS2252.xml . Vicência Jorge, [AA|004|VJ] .

Morais, Domingas da Rosa de. Carta pessoal . Recife, 1689 . ANTT/PS - TSO, IL, 1462 / Projeto P.S., PSCR0270 . http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/anotadas_PT/PSCR0270.xml . Domingas da Rosa de Morais, [AA|007|DRM] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . , 1689 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/01462 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2301357 . Domingas da Rosa de Morais, [NN|029|DRM] .

Nazare, Maria Thereza de. Carta pessoal . Inficsonado, 1769 . - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, gaveta I-30, 21 . *Documento não disponível em repositórios digitais*. Maria Thereza de Nazare, [AA|009|MTN] .

Ouvidoria de Vila Rica (OVR). Auto de devasssa . Vila Rica, Minas Gerais, 1789 . IOM-PI - . http://portaldainconfidencia.iof.mg.gov.br/leitura/web/v2?p521 . Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, [NN|022|BHGS] .

Ouvidoria de Vila Rica (OVR). Auto de devassa . Vila Rica, Minas Gerais, 1789 . IOM-PI - ADIM II, 39, 11-13, 57, 03, 160-167, 184-186, 190-191, 445 .http://portaldainconfidencia.iof.mg.gov.br/leitura/web/v2?p521 . Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, [NN|023|HJTM] .

Secretaria de Governo da Capitania (SGC). Requerimento . Vila Rica, Minas Gerais, 1804 . APM - SG-CX.63-DOC.37 .http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=2795 . Felizarda, [NN|029|F] .

Secretaria de Governo da Capitania (SGC). Requerimento . Vila Rica, Minas Gerais, 1776 . APM - SG-CX.08-DOC.23 .http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=751 . Ana Rosa Pereira, [NN|030|ARP] .

Secretaria de Governo da Capitania (SGC). Requerimento . Vila Rica, Minas Gerais, 1753 . APM - SG-CX.05-DOC.03 .http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=535 . Quitéria Maria da Conceição, [NN|031|QMC] .

Secretaria de Governo da Capitania (SGO). Requerimento . Vila Rica, Minas Gerais, Brasil., 1794 . APM - SG-CX.26-DOC.34 .http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=1830 . [A dita escrava], [NN|007|ANO] .

Secretaria de Governo da Capitania (SGO). Requerimento . Vila Rica, Minas Gerais, Brasil., 1805 . APM - SG-CX.64-DOC.63 .http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=3077 . Francisca da Silva, [NN|008|FS] .

Secretaria de Governo da Capitania (SGO). Requerimento . Vila Rica, Minas Gerais, Brasil., 1794 . APM - SG-CX.26-DOC.34 .http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=1830 . Anastacia da Conceição, [AI|001|AC] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Salvador, 1592 . ANTT - TSO-IL, 13787 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4510000 . Francisca Luis, [NN|001|FL].

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Salvador, 1592 . ANTT - TSO-IL, 13787 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4510000 . Isabel Antonia, [NN|002|IA].

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . , 1612 . ANTT - TSO-IL, 3382 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2303336 . Maria Barbosa, [NN|004|MB] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Olinda, 1593 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/10745 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2310922 . Marta Fernandes, [NN|005|MF] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . , 1697 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00936 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2300819 . Anna Martins de Macedo, [NN|006|AMM] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . , 1710 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/11786 . http://digitarq.arquivos.pt/DetailsForm.aspx?id=2311983 . Mariana, [NN|009|M] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . , 1595 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/01268 . http://digitarq.arquivos.pt/DetailsForm.aspx?id=2301155 . Felícia Tourinha, [NN|011|FT] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . , 1739 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00252 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2300124 . Luzia Pinta, [NN|012|LP] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Salvador, capitania da Baía, Brasil, 1591 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/01267 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2301154 . Filipa de Sousa, [NN|013|FS] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . São Salvador da Baía, Brasil, 1591 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/03306 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2303255 . Paula de Sequeira, [NN|014|PS] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . São Salvador da Baía, Brasil, 1594 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/03307 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2303256 . Paula de Sequeira, [NN|015|PS] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Salvador bahia de todos os Sanctos, 1592 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/01275 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2301163 . Guiomar Piçarra, [NN|016|GP] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . São Salvador da Baía, Brasil, 1593 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/01289 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2301177 . Catarina Quaresma, [NN|017|CQ] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Vila de Olinda Capitania de pernambuco, 1594 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/09480 .http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2309626 . Isabel de Lamas, [NN|018|IL] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Salvador bahia de todos os santos, Brasil, 1593 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/10754 .http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2310931 . Maria Álvares, [NN|019|MA] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Salvador bahia de todos os santos, Brasil., 1592 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/10753 .http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2310930 . Maria Pinheira, [NN|020|MP] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Cidade do Pará, Brasil., 1763 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/02707 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2302638 . Feliciana de Lira Barros, [NN|021|FLB] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Lisboa, 1731 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00009 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299875 . Filipa Nunes, [NN|024|FN] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Lisboa, 1731 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00010 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299876 . Filipa Gomes Henriques, [NN|025|FGH] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Lisboa, 1730 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00011 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299877 . Felicitas Uxoa de Gusmão, [NN|026|FUG] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Lisboa, 1730 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00012 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299878 . Floriana Rodrigues, [NN|027|FR] .

Tribunal do Santo Ofício (TSO). Processo inquisitorial . Lisboa, 1728 . ANTT - PT/TT/TSO-IL/028/00034 . http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299901 . Ana da Fonseca, [NN|028|AF] .

Veiga, Isabel Gomes da. Carta pessoal . Rio de Janeiro, 1730 . ANTT/PS - PSCR0750 . http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/PSCR0750.xml . Isabel Gomes da Veiga, [AA|001|IGV] .

Veiga, Isabel Gomes da. Carta pessoal . Rio de Janeiro, 1733 . ANTT/PS - PSCR0676

. http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/PSCR0676.xml . Isabel Gomes da Veiga, [AA|002|IGV] .